



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**RELATO DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
INCLUSÃO DE UMA ALUNA SURDA**

RITA MARA REIS COSTA

ORIENTADORA: FERNANDA RODRIGUES DA SILVA

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



RITA MARA REIS COSTA

**RELATO DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE
INCLUSÃO DE UMA ALUNA SURDA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Formosa. Orientadora:
Professora Fernanda Rodrigues da Silva

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

RITA MARA REIS COSTA

RELATO DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA ALUNA SURDA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em _30 _/_04_/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

NOME DO ORIENTADOR (Fernanda Rodrigues da Silva)

NOME DO EXAMINADOR (Prof. Patrícia Cristina Campos Ramos)

NOME DO ALUNO (Rita Mara Reis Costa)

BRASÍLIA/2011

A Mauro Ângelo, meu amado esposo,
e as minhas filhas Sarah Caliandra e Laura Vitória,
com alegria e amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sua infinita misericórdia e amor para com todos nós, seres tão incompletos e imperfeitos.

À professora Fernanda Rodrigues da Silva, por ser mais que orientadora e sim uma companheira permanente.

À equipe de professores que elaboraram e executaram com maestria todo este curso de especialização.

Aos gestores e professores do Centro de Ensino Fundamental 04, pelo apoio em todas as etapas deste estudo.

Em especial agradeço a colaboração valiosa dos professores Ambrósio, Ricardo e Célia por serem profissionais da cidadania.

À meu pai, minha mãe e às minhas irmãs, muito obrigada, com certeza eu nada seria sem o apoio incondicional de vocês.

À meu marido e companheiro, Mauro Ângelo, que por várias horas foi pai e mãe de nossas queridas filhas, para que este trabalho fosse executado.

Às minhas filhas, Sarah Caliandra e Laura Vitória, que a cada dia me ensinam o verdadeiro significado da palavra educadora e mãe.

SUMÁRIO

RESUMO	9
I - APRESENTAÇÃO.....	10
II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural: descobrindo o indivíduo surdo.....	13
A caracterização da deficiência auditiva.....	18
A identidade da pessoa surda.....	21
2.2 A influência da família no desenvolvimento da pessoa surda.....	22
2.3 Reflexões sobre a inclusão do aluno surdo em classes regulares.....	26
O papel do professor-intérprete na inclusão escolar.....	29
III - OBJETIVOS.....	32
IV - METODOLOGIA.....	33
Fundamentos metodológicos.....	33
Contexto investigado.....	33
Participantes.....	34
Procedimentos de construção de informações.....	34
Instrumentos, técnicas e materiais utilizados.....	37
Procedimentos de análise dos dados.....	38

V – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....42

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....54

REFERÊNCIAS.....56

APÊNDICES

1 – Entrevista realizada com a aluna58

2 – Entrevista realizada com a família da aluna59

3 – Registro da observação inicial60

ANEXOS

1 - Carta de Apresentação – Escola62

2 – Memorando de autorização da pesquisa64

3 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....66

4- Entrevista com a aluna.....67

5 – Entrevista com os pais da aluna73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Cronograma de atividades	36
Quadro 2 – Registro das narrativas sobre o que motiva a aluna a investir na sua formação acadêmica	39
Quadro 3 – Registro das narrativas sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna	40
Quadro 4 – Registro das narrativas sobre as pessoas que influenciam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da aluna	40
Quadro 5 – Relato sobre a inclusão escolar da aluna	40
Quadro 6 – Relato sobre o papel da família no processo de desenvolvimento da aluna	41
Quadro 7 – Relato sobre a inserção da aluna no mercado de trabalho	41

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre a contribuição da família no desenvolvimento de um aluno surdo, para tanto, a pesquisa baseou-se na metodologia qualitativa, tendo-se utilizado de entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com os participantes. Para a análise dos dados foram utilizadas as narrativas colhidas durante a entrevista, a partir das quais percebeu-se a importância atribuída à relação estabelecida entre a família e a escola no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno surdo. No que se refere à inclusão, verifica-se que o conceito dos participantes está mais próximo daquilo que propõe a integração escolar, tendo em vista que se restringe à possibilidade de a aluna ser matriculada em uma classe regular e de frequentar as aulas. Em se tratando da influência da família no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, os participantes afirmaram que é ela quem motiva e incentiva o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno surdo, confiando em suas capacidades e potencialidades para interagir com o meio social. Dessa forma, concluiu-se que a família é um contexto relevante para o desenvolvimento da pessoa surda, devendo agir em parceria com a escola, com vistas a otimização do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: inclusão escolar; surdez; família

I - APRESENTAÇÃO

“Falo da tolerância como virtude da convivência humana. Falo, por isso mesmo, da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior.” Freire, 2004

A relevância deste trabalho consiste em identificar a contribuição da família no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento integral de um aluno com necessidades especiais. Além disso, espera-se refletir sobre o processo de inclusão escolar e sobre suas especificidades no contexto educacional atual.

A inclusão escolar é um processo de inserção de um indivíduo com necessidades educacionais especiais em um ambiente escolar, o qual possibilite a convivência e a troca de experiência com outros indivíduos, com ou sem necessidades especiais. Este processo tem sido defendido por muitos estudiosos, uma vez que possibilita o desenvolvimento integral do indivíduo, além de favorecer a diversidade.

Partindo dessa perspectiva, este estudo enfoca o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo surdo, o qual é caracterizado como aquele que apresenta nenhuma ou diminuta capacidade de captação dos sons audíveis. É um grupo distinto de indivíduos com necessidades especiais, uma vez que apresentam uma língua própria para a sua comunicação, e, portanto, apresentam exigências específicas no seu processo de ensino-aprendizagem. A essa língua dá-se o nome de a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

É notável que muitas vezes o surdo, em razão de suas limitações, se esquiva de possibilidades de autonomia e até dos sonhos com uma carreira profissional promissora por considerar que o mundo não tem condições de atender as suas necessidades educacionais, ou por alimentarem a crença de que as pessoas ao seu redor não confiam no seu potencial produtivo e nas suas competências e habilidades.

Neste aspecto, acredita-se que seja relevante compreender quais variáveis compõem esse cenário, sendo fundamental analisar o papel da família como a primeira instituição social que acolhe esse indivíduo. Espera-se, a partir deste estudo, investigar a influência que esses atores exercem sobre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem do indivíduo surdo, acreditando-se, inicialmente, que eles sejam co-constructores e incentivadores de seus processos de construção do conhecimento.

Diversos estudos demonstram o papel fundamental que a família desempenha no desenvolvimento da criança surda. Nota-se que o envolvimento dos pais possibilita maiores oportunidades de desenvolvimento em diferentes contextos, além de fortalecer a auto-confiança e de promover a segurança necessária para que o indivíduo possa superar seus limites.

Aliada à família, a escola surge como uma instituição capaz de favorecer a construção de saberes, de estimular o potencial criador dos indivíduos e de proporcionar espaços de interação nos quais cada aluno possa ser visto como agente de transformação. Ela é, por excelência, um espaço no qual as diferenças somam-se para dar sentido à singularidade de cada ator que a compõe.

Por esta razão, o estudo em questão foi realizado em uma instituição escolar da rede pública de ensino do Distrito Federal, localizada na região administrativa de Planaltina, composta por aproximadamente 2500 alunos. Foi utilizada a abordagem qualitativa, partindo-se de recursos como a observação, entrevistas e conversas informais, a fim de focalizar o objeto de estudo. A escola selecionada para o desenvolvimento deste estudo tem incluídos 14 alunos com necessidades educacionais especiais.

Neste estudo, objetivou-se refletir e analisar qualitativamente as variáveis que interferem na experiência de sucesso de um aluno com deficiência. A pesquisa pretendeu elucidar a importância e as contribuições da família no processo formativo desse aluno com necessidades educacionais especiais.

Partindo do exposto acima, o segundo capítulo, de fundamentação teórica, é dividido em três partes: a primeira preocupa-se em discutir sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa surda sob o olhar de Vygotsky; a segunda sobre a influência da família no desenvolvimento da pessoa surda e a terceira traz reflexões acerca da inclusão do aluno surdo em classes regulares. A terceira seção apresenta a descrição dos objetivos e no quarto é descrita a metodologia, a qual apresenta os recursos e ferramentas utilizados para tornar o estudo viável.

A discussão dos resultados é apresentada no quinto capítulo, onde são demonstrados e discutidos os dados constituintes da pesquisa. A título de considerações finais, menciona-se as contribuições a que levaram este estudo e a sua indicação para as práticas sociais.

O estudo justifica-se pela necessidade de se refletir sobre o papel da família no processo de desenvolvimento e de aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais, além de ser instrumento facilitador da sensibilização e da mudança de atitude da comunidade escolar para a pessoa surda.

II- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta etapa do trabalho são apresentadas as bases teóricas deste estudo, a qual baseia-se na teoria histórico-cultural, proposta por Vygotsky, associada às concepções de surdez, inclusão escolar e as contribuições da família e da escola para o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos com necessidades especiais.

Partindo desses aspectos, inicia-se este estudo discutindo-se a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa surda a partir da perspectiva deste autor. Em seguida, faz-se uma explanação sobre a influência da família no desenvolvimento da pessoa surda e, considerando que o estudo realiza-se em contexto inclusivo, a terceira temática tem como foco algumas reflexões sobre a inclusão do aluno surdo em classes regulares, salientando-se o papel do professor-intérprete.

Esta fase do estudo está organizada em capítulos, a fim de que seja possível apresentar as principais temáticas relacionadas ao tema proposto.

2.1 A aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural: descobrindo o indivíduo surdo

O principal motivo que levou a escolha deste teórico para fundamentar esta investigação repousa sobre o olhar visionário apresentado por Vygotsky em seus trabalhos sobre o sujeito surdo.

Em sua obra sobre os *Fundamentos de Defectologia* o autor refere-se ao defeito como sendo uma divergência entre o desenvolvimento biológico e o cultural. Neste aspecto, fica claro que ele nega a existência de diferenças entre os princípios de desenvolvimento do indivíduo surdo ou de qualquer outra pessoa, demonstrando não haver leis gerais que regem o desenvolvimento humano, independente de o indivíduo apresentar alguma deficiência ou não.

A teoria de Vygotsky traz preciosa contribuição para esta investigação, pois rompe com a idéia do inatismo, teoria na qual o indivíduo é visto como fruto acabado em sua estrutura biológica e com pouca contribuição do ambiente no qual está inserido. Outro aspecto fundamental da teoria histórico-cultural é a valorização da interação entre componentes biológicos e sociais para o processo de construção histórica do indivíduo.

No que se refere à defectologia, Vygostky (1997) propõe, segundo Coelho (2010)

Um diálogo entre os aspectos biológicos e sociais, onde os sintomas de alteração primária no desenvolvimento da criança serão vivenciados na relação da criança com o ambiente social, histórico e cultural, desdobrando-se em secundários, terciários, e assim por diante (p. 63)

A interação proposta nos princípios da defectologia ficam ainda mais compreensíveis quando o autor afirma que há duas linhas diferentes que compõe o processo geral de desenvolvimento de um indivíduo. Para ela, a primeira delas refere-se aos processos elementares, que representam os aspectos biológicos e inatos do ser humano. Já a segunda, trata-se das funções psicológicas superiores, que são construtos de origem sócio-cultural (p.64). Com base nessa proposta, o comportamento humano nasce da integração entre estas duas linhas qualitativas do desenvolvimento (MOREIRA, 1999).

Sendo o desenvolvimento humano visto como resultado da interação com o meio, é preciso que sejam propiciadas ao indivíduo oportunidades de trocas dialógicas com os seus pares em um ambiente sócio-cultural adequado para o seu desenvolvimento, como defende Oliveira (2008, p. 62). Vygotsky (2007) salienta que aprendizagem na criança começa muito antes de ela frequentar a escola, sendo esta uma das razões pelas quais qualquer situação de aprendizagem que se apresente para a criança no ambiente escolar tem sempre relação com uma história prévia. Desse modo, nota-se que tanto os processos de aprendizagem quanto os de desenvolvimento estão intimamente relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.

Nota-se que há uma unidade, mas não uma identidade entre os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento. Para Vygotsky, a direção do desenvolvimento e da aprendizagem do indivíduo partem do meio social (externo ao indivíduo) para o interior dele.

Neste aspecto, POZO (1998) explica que esses processos se dão pela modificação de ações externas e sua interiorização.

O processo acima citado pode ser demonstrado a partir daquilo que propõe como “desenvolvimento cultural do sujeito”, o qual apresenta dupla formação: a primeira é resultado da relação entre pessoas (aprendizagem interpsicológica) e a segunda se efetiva no interior do indivíduo (aprendizagem intrapsicológica). Esses níveis, segundo POZO (1998), acontecem durante o processo de construção de conhecimentos e formação de conceitos, mas, também podem ser facilmente explicitados no desenvolvimento de funções psicológicas superiores, tais como a atenção voluntária e a memória.

São as funções psicológicas superiores que, segundo Vygotsky diferenciam o homem dos outros animais irracionais, uma vez que são desenvolvidas através da mediação estabelecida entre o indivíduo e o meio sócio-cultural no qual está inserido. Os mediadores são instrumentos que possibilitam ao homem não só responder a estímulos produzidos nos contextos sócio-culturais, mas, a atuar de modo autônomo e transformador. Essas ferramentas são fruto da cultura, que tem origem no convívio social, constitui e é constituída pelo indivíduo ao longo da história. O sistema de sinais que constitui a linguagem falada é um dos mediadores mais explanados por Vygotsky, devido a sua origem clara no meio social.

O principal papel da mediação é possibilitar as trocas de experiências no meio sócio-cultural, o que resultará no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Para Vygotsky (2007), é através dela que se atinge os três níveis de desenvolvimento, conforme a saber: zona de desenvolvimento real, zona de desenvolvimento potencial e zona de desenvolvimento proximal. O primeiro nível caracteriza-se quando a criança consegue solucionar problemas de forma independente, apresentando ações para determinados problemas apresentados.

O segundo nível proposto pelo autor refere-se àquelas funções que estão em processo de maturação e que irão se desenvolver em algum momento e o terceiro nível é caracterizado como sendo aquilo que a criança é capaz de realizar com o auxílio de outra pessoa, que pode ser o seu par ou um adulto.

O fato é que o desenvolvimento desses conceitos dá ao processo de aprendizagem uma perspectiva cada vez mais ampla. No que se refere ao conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), nota-se que ele fundamenta que o aprendizado humano só acontece em razão de sua natureza social e que a aprendizagem, por outro lado, funciona como um mecanismo no qual a criança começa a ter acesso à vida intelectual daqueles que constituem o seu cenário sócio-cultural.

Vygotsky (2007) salienta que a concepção de ZDP reavalia o papel da imitação no processo de aprendizagem, uma vez que só considera que o indivíduo tenha alcançado a aprendizagem quando este é capaz de solucionar os problemas sem auxílio dos outros, nem demonstrações ou fornecimento de dicas (p. 99). Nesse sentido, avalia-se que a ZDP propõe reflexões acerca do papel da escola no desenvolvimento do educando, uma vez que indica que o aprendizado eficiente deve ser aquele direcionado para favorecer o desenvolvimento desta zona proximal, ou seja, é fundamental estabelecer um cenário propício ao exercício da autonomia de cada aluno. Notadamente, a proposição de situações-problemas podem levá-los a buscar novas funções e possibilidades para resolver seus conflitos, sendo possível, ainda, que o potencial que cada um deles traz seja igualmente estimulado.

Outro aspecto desafiador da perspectiva vigotskyana refere-se à relação dinâmica existente entre o pensamento e a linguagem ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo. O autor destaca a relevância das relações sociais até na fase pré-intelectual da fala e explica que este momento é salutar, pois, ainda que haja a ausência do pensamento, há o desenvolvimento dos meios de comunicação (BUZAR, 2009).

Em se tratando do aluno surdo, Vygotsky (2003) defende, em suas obras, que seja dada a esse indivíduo a oportunidade de experimentar a oralização, podendo ser este um instrumento de comunicação efetivo entre ele e o universo ouvinte no qual está inserido. A esse respeito, o autor afirma que:

Só no desenvolvimento da fala está implícita a garantia de uma regeneração social dos surdos-mudos e de seu desenvolvimento intelectual. Sem a fala, o surdo-mudo está condenado a permanecer na etapa de grande atraso intelectual e falta de desenvolvimento (p. 261).

Com as idéias apresentadas por Vygotsky, é possível compreender a íntima relação estabelecida em seus estudos sobre a língua oral e o pensamento. Seus estudos ainda provocam muitas discussões e inquietações, sendo considerados extremamente polêmicos, ainda nos dias atuais. Esse fato talvez seja muito presente em razão de o processo educacional do surdo ainda priorizar o ensino da língua brasileira de sinais (LIBRAS), em detrimento da oralização.

Considerando-se aquilo que o autor propõe em relação ao desenvolvimento humano e à aprendizagem, salientando o papel interacional e a influência da mediação, nota-se que estimular o convívio entre alunos pode ser uma estratégia muito positiva no contexto educacional. Nota-se que independente do modo singular como o indivíduo se desenvolve e aprende, as negociações resultantes dos processos interativos são fundamentais para que ele atue de modo ativo neste cenário. Este é exatamente um dos maiores desafios da inclusão escolar: acolher a pessoa com necessidades educacionais especiais e estabelecer condições nas quais ela possa participar do processo de construção do conhecimento.

Pensando nisso, Braga (1995 apud Kelman, 2010) propõe que seja criado um planejamento pedagógico-curricular criativo por meio da mediação social, fornecendo um movimento de compensação ao aluno. Kelmam (2010) salienta que essa perspectiva tende a promover a diversidade, intensificando as discussões sobre a necessidade de desenvolvimento de uma pedagogia voltada para as competências dos sujeitos. Para esta autora, a deficiência, mesmo vista como um desafio, deve representar, também, a possibilidade de o docente utilizar recursos e estratégias criativas capazes de minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos, ajudando-os a superar seus próprios limites.

Uma das principais limitações reconhecidas por Vygotsky para o sucesso no processo educativo da pessoa surda depositava-se sobre o aspecto crucial da diferença existente entre as línguas utilizadas pelos professores e alunos. Segundo ele (1983), a linguagem não cumpre só a função de comunicação entre as crianças, mas também como instrumento do pensamento (p. 120), uma vez que a construção da identidade do indivíduo é feita a partir da sua interação com o meio, conforme propõe a teoria histórico-cultural.

Partindo desses aspectos, busca-se ressaltar que as trocas de experiências com o meio social são de extrema importância para assegurar que os alunos, com desenvolvimento atípico tenham a oportunidade do pleno desenvolvimento de suas potencialidades, ainda que em um tempo e de um modo diferenciado.

A caracterização da deficiência auditiva

Segundo Rinaldi et al (1997), a deficiência auditiva é caracterizada;

Pela diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado *surdo* o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e *parcialmente surdo*, aquele cuja audição ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva. (p. 31)

Para a Organização Mundial de Saúde, deve ser considerada deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis (dB) ou mais. Os níveis de perda auditiva são classificados em leve (25 a 40 dB), moderado (41 a 70 dB), severo (71 a 90dB) e profundo (acima de 90 dB). Concordando com as afirmações feitas Oliveira (2002) destaca a importância da identificação precoce da deficiência auditiva e do seu grau de acometimento com vistas a minimizar os prejuízos no desenvolvimento da criança.

Partindo dos conceitos acima expostos, pode-se classificar os problemas auditivos quanto a sua localização ou órgãos de comprometimento, os quais podem apresentar-se em, pelo menos, dois modos. O primeiro através de dificuldades auditivas na condução ou transmissão das vibrações sonoras, provocando, na maioria dos casos, alterações/lesões tratáveis ou curáveis. A área comprometida neste caso é o ouvido externo ou médio. Já a segunda é mais severa e na maioria dos casos irreversível, envolve a surdez neurossensorial, onde o comprometimento fisiológico é no ouvido interno ou no nervo auditivo (Rinaldi et al, 1997).

Autores como Rinaldi et al (1997) salientam que existem dois tipos de surdez: a congênita e a adquirida. Enumeram como causas prováveis da surdez congênita as viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose) e a ingestão de medicamentos ototóxicos (que lesam o nervo óptico durante a gravidez). No que se refere a surdez adquirida, sugerem que a etiologia esteja ligada a uma

predisposição genética (otosclerose), ocorrência de meningite, ingestão de remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes e viroses diversas.

Atualmente vários exames diagnósticos são capazes de identificar anomalias no funcionamento do ducto auditivo ou na sua funcionalidade (fisiologia), dentre os quais estão desde um simples exame de ouvido até exames mais complexos com a audiometria. No primeiro, o otologista verifica o canal auditivo com o auxílio do otoscópio. Já no segundo é realizado um teste de resposta sensorial com a presença de sons em diferentes frequências (Rinaldi et al, 1997).

Para Rinaldi et al (1997):

A perda sensorial não representa um obstáculo intransponível para que a pessoa se relacione de forma construtiva consigo mesma, e com o mundo do qual faz parte, construindo para si, por seus próprios meios, a felicidade possível.

O diagnóstico precoce da surdez e a sua classificação correta quanto ao grau de comprometimento são de fundamental importância para inserção e interação dessa pessoa no meio em que vive de forma satisfatória. Isso porque a identificação precoce pode influenciar positivamente no aspecto educacional do indivíduo, uma vez que permite que se desenvolvam metodologias apropriadas para aquisição da linguagem e da fala.

O autor salienta ainda que “*o surdo está privado do sentido que serve como antena*”, e explica que esta privação provoca o que se chama de isolamento, fator importante para integração e a estabilidade emocional deste indivíduo (p. 81). Esse aspecto é relevante e deve ser considerado, tendo em vista que um dos maiores obstáculos a serem enfrentados no convívio social deste indivíduo é a falta de um meio comunicativo comum e satisfatório que possibilite a troca de experiências entre ele e seus pares.

Dadas as especificidades acima expostas, percebe-se que na maioria dos casos de surdez o indivíduo apresenta mudez. Isso ocorre por que falta-lhe o som a ser imitado e repetido para o

desenvolvimento da fala. Nota-se, portanto, que o indivíduo apresenta uma linguagem, mas que não emite o som, aspectos que a diferenciam da fala.

Para Rinaldi et al (1997), a fala é o processo mecânico da comunicação verbal o qual engloba a utilização da voz, da articulação, do ritmo, da intensidade e da entonação. Já a linguagem refere-se a um processo cognitivo que capacita o homem a compreender, a interpretar e a dar significado às palavras, para que assim possa ser transmitido aos outros de forma adequada, o que pode acontecer por meio da fala, de gestos ou de algum outro mecanismo de expressão.

Doria (1961) argumenta que “*a linguagem não é inata, mas resultado de uma educação dada pelo meio, desde o nascimento do ser humano*” (p. 56), confirmando as preposições e estudos de Vygotsky. Segundo esses autores, nas diversas etapas do desenvolvimento cognitivo os estímulos sensoriais estimulam uma cadeia de construções de significados que se transformam em conceitos concretos, e, na medida em que a criança passa pelo processo educacional vai alcançando níveis mais abstratos (p. 56). Isso implica dizer que “*as palavras unificam o pensamento, esclarecem os conceitos, simplificam os entendimentos, definem as idéias*” (p.57), o que faz com que a ausência de um dos mais complexos sentidos, a audição, modifique e requeira uma reorganização do funcionamento das outras sensações. A esse aspecto muitos pesquisadores chamam de sistema compensatório, aguçando assim, o maior desenvolvimento de outros sentidos e habilidades.

A identidade da pessoa surda

A teoria histórico-cultural, a partir de seus pressupostos, postula que a construção da identidade do indivíduo é estabelecida a partir de sua interação com o meio sócio-cultural. Considerando a pessoa surda, Vygotsky afirma que ele é capaz de desenvolver mecanismos ou “vias colaterais de desenvolvimento”, as quais possibilitam as suas relações sociais, com vistas ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, o indivíduo surdo tem garantidas as possibilidades de sentir-se membro integrante do contexto social e com ele interagir.

Falcão (2010) pondera que:

É durante o convívio com outros sujeitos que se constrói a consciência individual, pessoal e coletiva, relacional, colaborativa e compartilhada, de si próprio enquanto sujeito que se individualiza na proporção em que se relaciona, se aproxima e se afasta com/do outro e ao mesmo tempo se diferencia dos outros sujeitos passando a compreender suas relações com o mundo e a cosmo gênese. Estas idas e vindas geram conflitos e amadurecimentos da personalidade (p. 19).

Isto implica dizer que a pessoa surda não deve ser olhada de forma piedosa ou inferiorizada, mesmo que sua diferença sensorial possa representar um fator de predisposição a déficit cognitivo, intelectual e social. Os aspectos desenhados até aqui demonstram que isso não deve ser uma sentença, uma vez que segrega e desqualifica o potencial do indivíduo para aprender, e desconsidera o seu modo único e singular de existir no mundo.

Parte-se, aqui, da perspectiva de que a identidade da pessoa humana deve ser vista sempre como algo inacabada e passível de mudanças CIAMPA 1997, apud MAHEIRIE, 2002. De acordo com a abordagem histórico-cultural, a identidade é constituída a partir do processo relacional estabelecido com o meio em que ele está inserido, e como as interações sociais também são dinâmicas elas influenciam no modo como as pessoas constroem e se desconstroem ao longo de seus processos de desenvolvimento. Com a pessoa com necessidades educacionais especiais não é diferente.

Buzar (2009) afirma que a criança surda não tem o seu desenvolvimento ou a formação da sua identidade limitados pela deficiência, mas que a partir de suas limitações que novos desafios são traçados para superar as suas dificuldades (p. 23). Seus estudos demonstram que a singularidade deve ser um aspecto considerado quando se pensa na identidade da pessoa humana.

2.2 A influência da família no desenvolvimento da pessoa surda

O conceito de família sofreu algumas alterações ao longo do tempo tendo sido caracterizado a partir de princípios relativos ao parentesco, à afetividade, à moradia, entre outros. Independente do critério adotado para definir essa instituição, percebe-se que o que deve ser levado em consideração como aspecto principal é a dinâmica relacional dos membros que a compõem. Isso por que na atualidade não é possível definir com precisão a composição deste

núcleo familiar em função das diferentes possibilidades e dos diversos padrões e valores que norteiam a sua formação e configuração na sociedade contemporânea.

Estudos realizados tematizando a família têm demonstrado que este é o primeiro contexto de desenvolvimento do indivíduo e que as experiências vivenciadas neste ambiente de interação irão influenciar na formação da identidade do sujeito e que terão relevância em suas atitudes e comportamentos por toda a vida. A esse respeito Kelman (2010) investigou que as atividades que indicam a proximidade entre os membros da família, como o momento de alimentação, diversão e/ou práticas de esportes irão contribuir para a formação integral do indivíduo. Em suas análises, descobriu que essa interação que ocorre no seio familiar influenciará posteriormente na relação que este indivíduo terá em outros contextos de desenvolvimento, como no ambiente escolar. Isso demonstra que a família é a instituição que mais influencia na formação da identidade do indivíduo, sendo este surdo ou não. Essas informações vão permitindo que se perceba o papel que essa instituição assume na constituição da pessoa humana e que as relações proximais que se formam entre os seus integrantes é fundamental para o desenvolvimento e para a aprendizagem do indivíduo.

Para demonstrar a configuração da família com a chegada da criança surda, Buzar (2009) elucida a importância de que seja fornecida à criança condições de se comunicar e ser compreendida neste primeiro ambiente de construção da sua personalidade. A autora explica que receber uma criança com necessidades educacionais especiais tende a provocar no ambiente familiar um momento de adaptação à nova realidade, devido à interdependência existente entre os membros desta instituição. É uma tendência natural de todos os membros da família se envolverem e participarem positivamente para que ocorra o desenvolvimento atípico desta criança.

Rinaldi et al (1997) enumera quatro fases pela qual a família passa quando descobre a surdez de um de seus membros. Dentre elas, o autor destaca: o choque, a reação e a adaptação. Para ele, a fase do choque é a etapa do susto e da descoberta. Ela pode ser caracterizada pela ausência de atitudes ou uma apatia momentânea que reflete a confusão de sentimentos que neste momento provoca na família. A fase da reação tem relação com as etapas psíquicas como a revolta, a frustração, a angústia, a ansiedade, além das sensações de incapacidade, de

insegurança e de culpa frente à deficiência. Já a fase de adaptação pode ser alcançada mais rapidamente com o auxílio de profissionais, os quais poderão facilitar a compreensão do quadro apresentado e oferecer o suporte necessário aos membros da família.

Aos poucos, a deficiência pode começar a ser percebida de maneira mais realista, e a família será capaz de tomar decisões mais assertivas em relação às dificuldades apresentadas pela criança. Ao que se percebe, aos poucos o comportamento dos pais em relação à criança surda vai favorecendo uma mudança de atitude em relação a todo o contexto apresentado. Nesse momento, é fundamental que a família não tenha atitudes que dificultem a sua interação com o meio social, e que seus membros percebam que é fundamental que a criança tenha a oportunidade de desenvolver-se e de aprender em diferentes contextos. Essa postura, além de evitar o isolamento da criança, também contribui para a superação de processos de rejeição, negação da deficiência ou a superproteção (Rinaldi et al, 1997).

Para Rinaldi et al (1997)

Os pais precisam de motivação que os faça ver o futuro com a ótica da esperança e da convicção de que agora, mais do que nunca, eles, os pais, têm um papel primordial e histórico no desenvolvimento do filho (p. 110).

Além do aspecto acima citado, salienta-se o fato de que a família precisa receber orientações de profissionais da área da saúde e da educação, a fim de compreenderem melhor sobre as especificidades do quadro, identificar as possibilidades e os desafios inerentes ao desenvolvimento integral do indivíduo e de investirem em seu potencial.

Estudos realizados por Kelman (2010) retratam o papel da família no desenvolvimento da pessoa surda, evidenciando a importância que este microsistema de interações vivenciadas pela criança tem para o seu processo de desenvolvimento global. A autora baseia-se na abordagem bioecológica de Bronfenbrenner, na qual foi possível perceber que a família e as relações existentes entre os seus membros estão no centro do desenvolvimento da criança e que influenciam e sofrem influência de todos os demais contextos de interação, como a escola, a sociedade e outros elementos.

Os contextos citados acima demonstram que no ambiente familiar existem aspectos peculiares, Kelman (2010) explica que a família apresenta uma estrutura razoavelmente estável, com regras e valores próprios, interdependência entre os seus membros e que, além disso, é um grupo social pequeno. Diante desse fato, é possível compreender que a família é a principal instituição social que influenciará no desenvolvimento do indivíduo, especialmente por estabelecer as primeiras experiências de convivência e interação com o meio.

Observa-se que, de um modo geral, quando o indivíduo tem o apoio familiar a tendência é que a sua interação com outros contextos seja pautada nas regras de convivências implícitas no ambiente familiar, como é o caso do respeito a autoridade dos pais entre outros, e que o seu desenvolvimento ocorra de forma natural e integral como produto da sua relação com meio social.

Essas considerações levam à conclusão de que a família contribui de forma relevante para o processo de desenvolvimento integral do indivíduo, influenciando na sua formação e capacitando-o para relacionar-se com os demais em diferentes contextos e interagir com o meio em que está inserido.

2.3 Reflexões sobre a inclusão do aluno surdo em classes regulares

Uma pesquisa do ano 2000 realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) estimou que aproximadamente 1,5% (cerca de 42 milhões de pessoas) da população mundial apresentava algum nível de deficiência auditiva. O Censo do mesmo ano no Brasil identificou a deficiência auditiva como sendo a terceira deficiência mais freqüente no país com cerca de 176.066 de pessoas com surdez profunda (ou incapacidade auditiva), 860.889 com grande dificuldade permanente de ouvir e 4.700.000 pessoas com alguma dificuldade permanente de ouvir. Um total de aproximadamente, 3% da população do país.

Outro dado importante obtido pelo Censo (2000) é que desse total de pessoas com alguma dificuldade auditiva apenas 580.218 freqüentavam a escola dos quais 58.477 representam a população de deficientes auditivos do Distrito Federal. Desse total, 20,69% são analfabetos e apenas 17,06% freqüentam a escola.

Estes dados sugerem a difícil relação da pessoa com deficiência auditiva com a educação formal, podendo indicar, ainda, a ausência de estratégias que estimulem e facilitem o acesso destas pessoas as nossas instituições educacionais. No ano de 2004 o Ministério da Educação apontou um atraso significativo dos alunos surdos em relação aos alunos ouvintes no que se refere a todos os componentes curriculares, tendo como conseqüência um histórico de retenção nas séries da Educação Básica e, conseqüentemente, na evasão escolar.

Para Lebedeff (2003 apud Freitas 2009) a principal causa da evasão escolar dos alunos surdos é a de aprenderem conteúdos em uma língua, que eles, em sua maioria, não dominam. Concordando com este autor, De Paula (2003) ressalta ainda que as condições individuais de resposta à intervenção e à educação serão afetadas pela severidade da surdez e seu modo de aquisição.

Neste aspecto, Vygotsky (2007) pondera que um dos maiores obstáculos a serem enfrentados é nos casos de surdez é o distanciamento comunicativo que passa a existir entre o professor e o aluno, por não dominarem uma língua comum, seja a LIBRAS ou a Língua Portuguesa. Neste momento de dificuldade de acessar o pensamento do aluno surdo por meio da linguagem, o educador não consegue criar a Zona de Desenvolvimento Proximal, que é um nível necessário para aquisição de novos conhecimentos, segundo o autor tem havido um grande movimento dos estudiosos da área, no que se refere à compreensão das especificidades do aluno surdo no contexto escolar, o que tem sido possível especialmente com o movimento pela inclusão. Com a proposta da inclusão escolar, sugere-se que a prática pedagógica sofra adequações, as quais contem metodologias diversificadas, capazes de estimular o potencial do aluno, nos diferentes aspectos e níveis.

Para tornar esse desafio viável, a capacitação do professor é fundamental uma vez que é importante que ocorra a inclusão e não a mera integração do aluno no ambiente escolar. A integração contempla somente o aspecto relacionado a alocação do aluno surdo na sala regular, sem que, de fato, se estabeleçam estratégias de ensino que possibilitem a aprendizagem dos alunos surdos no mesmo contexto em que estão os alunos ouvintes. Já no paradigma da inclusão propõe-se um trabalho pedagógico consciente e que respeite a diversidade de condições, de

modo que o professor possa desenvolver metodologias que alcancem a todos e que criem condições para a construção do saber, mesmo com as limitações apresentadas.

A proposta educacional para um aluno com deficiência auditiva, segundo De Paula (2003) deve priorizar o ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como meio de promover a convivência e a interação entre os agentes do processo educacional de forma inclusiva e socializadora. No Brasil, a LIBRAS é reconhecida como a língua oficial das pessoas surdas, e sua aquisição contribui de forma significativa para a cognição visual destas pessoas, possibilitando sua autonomia e o direcionamento para a cidadania.

Contraopondo a afirmação da autora, Kelman (2005) explica que apenas o ensino da língua de sinais não é suficiente para que ocorra uma inclusão satisfatória, uma vez que muitos intérpretes não dominam a língua de sinais, dificultando a compreensão das aulas e a participação dos alunos. Desse modo, sugere que o processo de inclusão desse aluno aconteça de modo que o professor esteja capacitado para trabalhar com a diversidade e que conheça a linguagem utilizada pelo aluno. Nota-se que o desenvolvimento de atividades utilizando a LIBRAS e o português deve fornecer aos alunos um momento de troca de experiências, construção de significados e conseqüentemente desenvolvimento de habilidades e competências.

A autora salienta, ainda, que a ausência de recursos pedagógicos é outro dificultador do processo de inclusão da pessoa surda nas classes inclusivas. Concorda com Vygotsky, quando afirma que o indivíduo surdo desenvolve mecanismos alternativos para interagir com o meio e relacionar-se com os seus pares, de modo que em alguns momentos pode ser preciso utilizar vias alternativas para mediar o seu desenvolvimento.

Dentre as “vias colaterais de desenvolvimento” surge a amplificação da capacidade visuo-espacial, ou seja, os alunos surdos apresentarão uma resposta satisfatória de interação com o contexto social quando estimulados pela visão e pelos movimentos, por exemplo (BUZAR, 2009). Nessa perspectiva, entende-se que o conteúdo acadêmico associado à utilização de material pedagógico adaptado com demonstrações e recursos visuais, pode ser uma estratégia útil no processo de construção de conhecimentos. Kelman (2005) reforça a utilização da comunicação multimodal como uma forma de alcançar a aprendizagem de forma significativa. A

autora qualifica esse tipo de comunicação como sendo aquela que tem o enfoque no processo comunicativo e não no desenvolvimento ou imposição de um tipo de língua. Verifica-se que alguns autores afirmam que trata-se de uma filosofia educacional e que ela objetiva facilitar as interações entre surdos e ouvintes, utilizando para tal, todos os recursos que promovam a comunicação.

Esse tipo de comunicação faz parte do grupo de metodologias mais utilizadas no desenvolvimento educacional. Além dele, há, também, o oralismo, o bilinguismo e a comunicação total (MEC/SEESP, 1995). A primeira é embasada no desenvolvimento da língua oral e intenciona integrar o aluno surdo na comunidade ouvinte. Entretanto, para favorecer o desenvolvimento da oralidade é preciso que exista um resíduo auditivo. No que tange ao bilingüismo como metodologia educacional há um confronto entre a língua do grupo de ouvintes e a de surdos, de modo que a tendência é que o segundo grupo fique subordinado à língua do primeiro grupo. Essa realidade tende a esvaziar o aspecto principal da inclusão escolar que é a convivência enriquecedora em um contexto de diversidade, o que não acontece com a comunicação total ou multimodal.

Os aspectos aqui levantados demonstram claramente que a inclusão da pessoa surda é um desafio, que pode ser percebido através da dificuldade de se criar na escola um ambiente de troca de experiências que possibilite ao aluno surdo se desenvolver de forma integral a partir da sua interação com o aluno ouvinte. Além disso, há a necessidade de valorização de estratégias pedagógicas que atendam a uma política de diversidade de condições, iniciando pela superação do obstáculo comunicativo entre os agentes educacionais que deve ser consequência da atuação do professor-intérprete no ambiente pedagógico, que possibilitará a interação e a construção coletiva do conhecimento na perspectiva de inclusão escolar.

O papel do professor-intérprete na inclusão escolar

Segundo Quadro (2003), o intérprete é a pessoa responsável por interpretar a língua de sinais para outra língua, podendo, também, realizar o contrário disto. O professor que exerce essa função aparece no papel daquele que proporciona a mediação no processo comunicativo entre os diversos agentes educacionais que não comungam da mesma língua.

Concordando com a afirmação acima, Marinho (2007) acrescenta que há diferenças entre o processo de tradução ou interpretação de uma informação, salientando que a primeira refere-se à língua escrita e a segunda à língua oral. A autora pondera, ainda, que é mais fácil traduzir do que interpretar, uma vez que a linguagem oral apresenta uma série de interfaces que devem ser levadas em consideração e que podem confrontar a imparcialidade e a neutralidade na atuação do intérprete.

Ao referir-se ao intérprete, Rónai (1987, apud MARINHO, 2007) fala sobre a importância de aspectos como a imparcialidade e a neutralidade, uma vez que a função de intérprete está associada à fidelidade na tradução. Ressalta que o intérprete educacional lida com várias dificuldades para a execução de sua atividade, indicando a exigência da imparcialidade e da neutralidade como uma delas. Para a autora, esse tipo de aspecto só teria como ser alcançado por um profissional que estivesse fora do contexto escolar, e que portanto não compartilhasse dos anseios e necessidades desses alunos.

Nota-se que o papel do intérprete abrange a capacidade de interpretação com aspectos situacionais e culturais. A postura adotada por ele em relação ao trabalho deve privilegiar o desenvolvimento da competência comunicativa abarcando as habilidades gramaticais, sociolingüística, discursiva e estratégica (Richards e Schmidt, 2002 apud LEITE, 2007). Em se tratando da inclusão escolar, o intérprete é visto muitas vezes como mero canal de acessibilidade aos chamados “deficientes auditivos”, reforçados pelos textos legais e documentos que regulam as atividades educacionais pelo Estado. Entretanto, Kelman (2010) salienta a importância de se criar na sala de aula um ambiente de trabalho compartilhado entre o professor regente e o professor-intérprete, efetivando as trocas interativas e promovendo a co-docência em benefício de todos os agentes educacionais.

Discordando do uso do termo, Leite (2005) afirma que a palavra mais apropriada para designar o trabalho deste profissional é o de facilitador da comunicação. Isso por que é ele o condutor e facilitador da comunicação estabelecida.

Neste estudo, o professor facilitador/intérprete assume um papel fundamental, uma vez que foi a partir dele que a investigação e a interação efetiva com a aluna surda foi possível. Por

esta razão, considera-se que seja fundamental ampliar a discussão sobre o tema e a valorização deste profissional no processo ensino-aprendizagem do aluno surdo.

Diante do exposto, parece inegável a importância do intérprete educacional como mediador do processo comunicativo, tendo em vista que é só através do desenvolvimento desta atividade que será possível a superação da barreira comunicativa entre os agentes do processo ensino-aprendizagem, o que certamente possibilitará a participação do aluno surdo nas atividades pedagógicas voltadas para a sua aprendizagem e seu desenvolvimento no ambiente escolar.

III – OBJETIVOS

3.1. Geral:

O objetivo deste estudo é refletir sobre a contribuição da família no desenvolvimento e na inclusão de um aluno surdo, em uma escola da rede pública do Distrito Federal.

3.2. Específico:

Analisar o significado do processo de inclusão escolar para a família de um deficiente auditivo.

IV- METODOLOGIA

4.1 Fundamentos metodológicos

Este estudo foi baseado na abordagem qualitativa. O fundamento que norteou a escolha por esta metodologia baseia-se na possibilidade de se capturar uma realidade dinâmica e em constante movimento (GONZALEZ REY, 2005).

Dentre os princípios gerais da epistemologia qualitativa, pode-se destacar o caráter interpretativo do conhecimento, a legitimação do indivíduo (singular) como instância de produção do conhecimento científico e o ato de compreender a pesquisa como um processo de comunicação (Freitas, 2009). Para Gonzalez Rey (2005), a investigação qualitativa “*implica em compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se apresenta*” (p. 5). Este autor ressalta que não há a possibilidade de pensar e entender a realidade de forma única, mas que sempre há uma nova maneira de interpretá-la.

Em outras palavras, não há uma verdade absoluta quando se trata de desvendar a realidade, mas existe um caminho a ser percorrido para a construção do conhecimento sobre o real. Isto implica dizer que o conhecimento deve ser encarado como um processo (e não produto) de construções feitas no embate do pensamento do investigador com os eventos empíricos do processo de pesquisa.

Gonzalez Rey (2005) afirma ainda, que o pensamento do pesquisador é legítimo para o processo de construção do conhecimento e que a sua capacidade de produção é regida pelo confronto dos diversos eventos empíricos coexistentes no processo de investigação. O autor salienta que o conhecimento é um processo de construção dinâmico, o qual se constitui a partir das novas construções que vão sendo estabelecidas nos diferentes processos investigativos.

Com base naquilo que propõe a abordagem qualitativa e os aspectos acima expostos, foram utilizados, para a realização deste estudo, observações, conversas informais e entrevistas, afim de que fossem levantados dados para favorecer a investigação proposta.

4.2. Contexto investigado

Para dar início à pesquisa, inicialmente foi necessário entrar em contato com a direção da instituição de ensino a ser investigada, momento em que foi feita a apresentação aos professores regentes da turma que participaria da pesquisa. A escola escolhida pertence à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e está vinculada e localizada na Regional de Planaltina, região administrativa de Brasília – DF.

São atendidos, na escola, cerca de 2500 alunos nos três turnos, divididos em 19 turmas no matutino, a mesma quantidade no vespertino e 14 turmas no noturno (ou contra-turno, como é chamado pela equipe gestora), contando com um total de 120 professores e 25 servidores. A demanda de matrícula atendida pela escola é de alunos domiciliados nos bairros periféricos da cidade, como a região das Estâncias e do Arapoangas.

A área externa da escola é pequena, dividindo seu espaço com a Biblioteca Comunitária da cidade e em seu interior encontramos a sede da Regional de Ensino de Planaltina – DF. A escola possui 20 salas de aulas e uma biblioteca. Não tem laboratórios em funcionamento, mas já existe um projeto aprovado para a construção desse espaço. Há uma cantina comercial e outra da instituição, além de um espaço denominado teatro, reservado para os eventos artísticos e culturais da escola. Os alunos com altas-habilidades contam com uma sala de recursos, onde são atendidos no turno inverso ao das aulas.

Esta unidade educacional atende atualmente alunos na modalidade de Ensino Fundamental regular (6º até o 9º ano), nos turnos matutino e vespertino. No turno da noite é oferecida a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do primeiro e do segundo seguimentos. O primeiro contempla as séries do 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental e a segunda do 6º ao 9º anos. Existem duas turmas de alunos com deficiência auditiva, os quais, apesar de estarem matriculados em uma escola inclusiva, mantêm-se em salas separadas, consideradas, pela Regional de Ensino, como classes especiais. Vale ressaltar que nesta instituição escolar a nomenclatura utilizada ainda corresponde ao sistema seriado, e ao descrever a clientela atendida pela escola o gestor educacional utilizou o termo série e não ano, como foi citado.

4.3. Participantes

Participaram deste estudo três agentes. Dentre eles, uma aluna surda, com 18 anos de idade, matriculada na classe especial do segundo segmento da educação de jovens e adultos (EJA). A aluna receberá o nome fictício de Sarah, a fim de se preservar a sua identidade. Além dela, participaram também seus pais, o Sr. Paulo e a Sra. Laura, que moram juntos há mais de 20 anos e que foram entrevistados em sua residência em um sábado, em razão de ser esta a disponibilidade do pai da aluna. Sarah reside com os pais e três irmãos ouvintes em um bairro da periferia de Planaltina – DF, denominado Estância. A aluna pertence à classe menos favorecida economicamente.

A turma na qual Sarah está matriculada estão concentrados os alunos da etapa final do ensino fundamental, a qual contempla do 6º ao 9º anos. Atuam neste seguimento três professores regentes, divididos por área de concentração, a saber: o professor Soares responsável por lecionar Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna (Inglês), o professor Souza com Matemática e Ciências Naturais e a professora Silva que ministra aulas de Geografia e História. Todos com nomes fictícios.

Os três professores docentes tiveram valiosa participação nesta investigação. O professor Soares foi o mediador e o intérprete na entrevista com a Sarah, o professor Souza entrou em contato com o pai de Sarah, aqui denominado Sr. Paulo, e agendou a entrevista domiciliar. Já a professora Silva no momento das observações de sala de aula demonstrou sua visão sobre o processo de inclusão dos alunos surdos na instituição de ensino pesquisada.

4.4. Procedimentos de construção de informações

a. Contatos iniciais:

Para dar início a este estudo foi realizada uma reunião formal no mês de novembro de 2010, na presença da gestora em exercício e do coordenador da EJA. Nesta ocasião foram discutidos os objetivos da pesquisa, de modo que foi assinado um termo de concordância para a realização do estudo (anexo 1). O termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 2) foi

proposto, a fim de se obter livremente a adesão e a autorização dos participantes, os quais foram parte integrante e essencial deste trabalho.

Neste mesmo encontro ficou acordado o cronograma de atividades e foi possível perceber a receptividade da equipe de gestão e coordenação da escola com a proposta aqui sugerida.

b. Observação inicial:

A sessão de observação foi realizada na sala na qual as aulas são ministradas para os alunos com necessidades educacionais especiais. Para tanto, foi feito um agendamento prévio com os professores regentes. Esta etapa teve a duração aproximada de duas horas, iniciando-se às 19h15 e finalizando às 21h20.

Durante este período foi possível observar alguns aspectos da relação professor-aluno e da interação aluno-aluno durante a execução de duas atividades que aconteciam simultaneamente naquele ambiente. Enquanto Sarah tinha aulas sobre as classes de palavras (sobre os adjetivos) com o professor Soares, um outro aluno recebia explicações da professora Silva sobre o conteúdo de História do Brasil.

No início da observação estavam presentes dois alunos. Entretanto, por volta das 19h30 chegou um terceiro aluno, integrando-se ao grupo de estudos de História do Brasil. Segundo o professor Soares, a classe é composta por estes três alunos, tendo havido um grande número de desistências ao longo do ano.

c. As entrevistas:

Ao se planejar este estudo, as entrevistas semi-estruturadas foram o principal instrumento selecionado, tendo em vista que poderia elucidar a importância e as contribuições da família no processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma aluna surda.

Com a escolha deste tipo de entrevista é possível realizar adaptações necessárias durante a conversa, ainda que exista um roteiro pré-estabelecido (anexos 4 e 5). Durante a aplicação do

instrumento, percebeu-se a necessidade de adequação da linguagem, especialmente no que se refere à necessidade de utilização de alguns termos empregados na entrevista, os quais de difícil compreensão para um aluno com deficiência auditiva. Além disso, houve a necessidade de adaptação da linguagem com os pais da aluna, a fim de facilitar a compreensão quanto aos questionamentos que lhes foram feitos.

Durante as entrevistas foi fundamental saber ouvir cada participante, deixando-os à vontade para se expressar, respeitando suas opiniões e estando atento ao que diziam, aos seus gestos, silêncios, e a todas expressões não-verbais, as quais também foram registradas. Em alguns momentos foi feita uma síntese das idéias expostas pelos entrevistados, a fim de que não houvesse erros no processo de gravação, ou posteriormente, durante a transcrição.

Foram realizadas duas sessões, uma com a aluna e outra com os pais, as quais tiveram duração aproximada de 13 e 06 minutos, respectivamente. As sessões foram registradas por meio de gravações em áudio, a partir das quais foram gerados arquivos, a fim de constituírem dados para análise posterior. Segue a descrição das atividades realizadas:

- Momento 1 : Entrevista com a aluna surda

Esta fase foi realizada no dia 01/12/2010, na sala dos professores da instituição de ensino onde a aluna está matriculada e teve a duração aproximada de 13 minutos. Estavam presentes, na ocasião, além dela, o professor Soares, no papel de intérprete, e a pesquisadora. O objetivo desta fase era investigar quais os fatores que influenciavam no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

- Momento 2 : Entrevista com os pais da aluna

Nesta etapa, o objetivo era identificar o envolvimento e a contribuição da família no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo. Esta fase foi realizada no dia 04 /12/ 2010, no domicílio da família. A escolha do local foi feita considerando-se a opinião do genitor. A entrevista teve duração de aproximadamente 6 minutos e 30 segundos. Após esta fase,

manteve-se uma conversa informal, a qual parece ter enriquecido este estudo. Estavam presentes, na ocasião, a aluna Sarah, seu pai, sua mãe e dois irmãos mais novos.

A orientação inicial dada para todos os entrevistados foi de que se tratava de uma pesquisa monográfica, fruto de um trabalho de conclusão do curso especialização, e que as perguntas eram simples e relacionadas ao processo de desenvolvimento, aprendizagem e inclusão da pessoa surda. Todos foram informados quanto ao sigilo de suas identidades.

Antes de iniciar cada uma das sessões, a pesquisadora deu orientações gerais sobre a liberdade que os entrevistados teriam para perguntar quando não compreendessem a pergunta feita, além de enfatizar a importância e o valor dessas participações para o trabalho proposto.

4.5. Instrumentos, técnicas e materiais utilizados

a. Gravações de áudio

As gravações em áudio foram realizadas no notebook, em um programa de gravação de vídeo do Media Player, totalizando dois DVDs de material gravado e aproximadamente 19 minutos e 12 segundos de gravações. Para orientar a identificação e guarda dos dados, foi registrado no DVD a data de realização da gravação e o tempo de duração em cada atividade realizada.

A gravação relativa à entrevista com a aluna teve duração aproximada de 12 minutos e 42 segundos e a gravação em áudio relativa à entrevista realizada com os pais teve duração de 06 minutos e 30 segundos. Em seguida, os arquivos armazenados foram transferidos para dois DVDs, tendo sido devidamente identificados. A gravação em questão seguiu um cronograma de atividades, conforme discriminado no quadro a seguir:

<u>Data da Sessão</u>	<u>Duração em Minutos</u>	<u>Tipo de Registro</u>
<u>1/12/2010</u>	<u>12' 42s</u>	<u>Gravação de entrevista em áudio</u>
<u>4/12/2010</u>	<u>06'30s</u>	<u>Gravação de entrevista em áudio</u>

Quadro 1 – Cronograma de Atividades

b. Material didático utilizado nas sessões

Os materiais utilizados no estudo foram: folhas A4, notebook, caneta esferográfica de tinta azul e bloco de anotações.

4.6. Procedimentos de análise dos dados

Esta etapa do trabalho teve como objetivo transformar os dados obtidos em informações relevantes para este estudo. Para tanto, envolveu a transcrição dos dados, a pré-análise e análise do material coletado.

a. Procedimentos de transcrição:

Os dados produzidos neste estudo foram transcritos pela pesquisadora, por ordem cronológica de realização das entrevistas, levando em consideração as anotações do diário de campo e as gravações em áudio, fruto das entrevistas realizadas.

Considerando-se a entrevista como principal objeto de análise deste trabalho, inicialmente elas foram ouvidas e transcritas, levando-se em consideração a ordem na qual foram realizadas. A transcrição do registro das gravações em áudio (anexos 7 e 8) foi feita na íntegra e teve duração aproximada de 12 horas.

Ao concluir a transcrição dos dados e analisar as narrativas resultantes das entrevistas realizadas, foi observado que não houve divergências entre aquilo que os pais e a aluna pensam sobre o processo de inclusão escolar. Observou-se que, para eles, a inclusão representa estar matriculado em uma mesma escola que os alunos ouvintes, não tendo a preocupação se há convivência e interação entre estes alunos.

Para a pesquisadora, o que surgiu de mais interessante foi o significado atribuído pelos três participantes quanto ao papel da família. Em ambas as entrevistas foi salientado o papel motivacional e incentivador da família para a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa surda.

b. Análise propriamente dita:

A partir da organização dessas narrativas, verificou-se que houve o surgimento de novos elementos que denunciam o preconceito que referida aluna pode ter sofrido ao longo de sua trajetória acadêmica, o que foi possível observar a partir do questionamento sobre o papel da escola, conforme pode ser visto logo abaixo separado em blocos:

Bloco – 1: Narrativas sobre o que motiva a aluna a investir na sua formação acadêmica

Quadro 2 – Registro das narrativas sobre o que motiva a aluna a investir na sua formação acadêmica.

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que faz com que você se sinta motivada para continuar estudando?	<i>“Vontade de estudar. Gosto de estudar”.</i>
O que faz com que sua filha se sinta motivada para continuar estudando?	<i>“Pra crescer né? O que eu vejo é que ela quer crescer”</i>

Bloco – 2 : Narrativa sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Quem apóia você a continuar estudando?	<i>“Os professores. Família, os professores. Os amigos que não tem briga, a família e a minha mãe.”</i>
O senhor acha que quem apóia a sua filha a continuar estudando? Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?	<i>“Ah, os professor, né?”</i>

Quadro 3 – Registro das narrativas sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna

Bloco 3 - Narrativa sobre as pessoas que influenciam no processo de desenvolvimento e aprendizagem da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?	<i>“Os amigos que não tem briga, a família e a minha mãe.”</i>
O senhor acha que quem é que apóia ela, para continuar estudando?	<i>“Ah, os professor, né?”</i>

E aqui em casa, vocês também apóiam?	Mãe: (balança positivamente a cabeça) Pai: “Aqui apóia.”
--------------------------------------	---

Quadro 4 – Registro das narrativas sobre as pessoas que influenciam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da aluna

Bloco – 4: Narrativa sobre a inclusão escolar da aluna surda

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Você sabe alguma coisa sobre a inclusão escolar? Você se sente incluída nesta escola?	“É bom e tem uma troca, é bom porque brinca, as LIBRAS ajuda muito os alunos, as meninas e os meninos a estudar. Que faz amizade com os alunos.” “Sim”
E o senhor sabe alguma coisa sobre a inclusão de alunos especiais na escola regular? O senhor acha que a sua filha está incluída na escola que ela estuda?	“Não sei não.” “Tá porque eu matriculei ela lá, né?”

Quadro – 5 Relato sobre a inclusão escolar da aluna surda

Bloco – 5: Narrativas sobre o papel da família no processo de desenvolvimento da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que acha sobre o papel da sua família no seu desenvolvimento?	“Mais importante é a minha mãe”
E o senhor, o que acha sobre o papel da família no processo de aprendizagem dela?	Pai: “É incentivar, é incentivar a pessoa a não deixar os estudos parado, né. Não, sei lá, tanta coisa”. Mãe: “É”. Pai: “Meu prazer é ver estudando, não quero mais que isso deles, né”. “É que eu sempre falo pro mais velho, não quero que você trabalhe comigo. O trabalho seu é só estudar”.

Quadro – 6 Relato sobre o papel da família no processo de desenvolvimento da aluna

Bloco 6 – Narrativas sobre a inserção da aluna no mercado de trabalho

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que você pretende fazer após a conclusão do Ensino Médio?	“Trabalhar em computador.” (sinais com bastante entusiasmo)
Que sugestão o senhor daria para os professores para melhorar a aprendizagem da Sarah?	Pai: (cochichando) “eu não sei. Um curso de digitação, coisa assim, né. Quando tava em Sobradinho ela tava estudando lá, tinha um curso dela lá de...” Mãe: “computador” Pai: “digitação é na Microlins, né. Lá na 10, lá. E tem o empresarial.”

Quadro 7 – Relato sobre a inserção da aluna no mercado de trabalho

Com base nos dados colhidos, optou-se por analisar as narrativas de ambas as entrevistas, procurando-se evidenciar as semelhanças e diferenças existentes entre a narrativa dos participantes, especialmente no que se refere ao tema inclusão e ao papel da família nesse contexto.

V- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas discussões feitas até o momento, salienta-se que o objeto de análise deste estudo são as narrativas produzidas pelos participantes entrevistados, a saber: a aluna com deficiência auditiva e seus pais. Essas narrativas serão apresentadas neste capítulo, de modo que serão selecionados alguns trechos, os quais melhor evidenciam aquilo que se objetiva analisar, a partir de suas experiências com a surdez. Não houve, neste estudo, o interesse de se analisar aspectos relativos ao contexto de observação.

Para favorecer a análise dos dados colhidos, os fragmentos das narrativas serão analisados em forma de blocos, procurando-se demonstrar as relações existentes entre aquilo que foi dito pela aluna entrevistada e por seus pais, conforme a seguir:

Bloco – 1: Narrativas sobre o que motiva a aluna a investir na sua formação acadêmica

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que faz com que você se sinta motivada para continuar estudando?	<i>“Vontade de estudar. Gosto de estudar”.</i>
O que faz com que sua filha se sinta motivada para continuar estudando?	<i>“Pra crescer né? O que eu vejo é que ela quer crescer”</i>

Quadro 2 – Registro das narrativas sobre o que motiva a aluna a investir na sua formação acadêmica.

Os registros feitos no bloco 1 foram baseados nos questionamentos abaixo relacionados:

“O que faz com que você se sinta motivada para continuar estudando?” – pergunta feita para a aluna.

“O que faz com que sua filha se sinta motivada para continuar estudando?” – pergunta feita aos pais.

Os extratos das narrativas demonstram que a motivação inicial para que a aluna invista na formação acadêmica é semelhante àquela apresentada por seus pais, ou seja, baseia-se na

expectativa de crescimento acadêmico e profissional, o que pode ser observado através dos extratos registrados no quadro 2. Vale ressaltar que a família parece ter uma visão crítico-reflexiva relativa ao potencial de aprendizagem e de desenvolvimento da aluna, não tendo considerado como fator limitador a deficiência auditiva apresentada.

Pensando na inserção do aluno com deficiência auditiva no contexto escolar ressalta-se a importância do respeito à diversidade, intensificando os esforços para estimular o convívio entre alunos com ou sem deficiência promovendo o desenvolvimento e a aprendizagem por meio das trocas sociais. Estudos demonstram que a inclusão escolar tem como proposta fundamental a criação de uma prática pedagógica flexível, que possa sofrer adequações nas suas metodologias capazes de estimular o potencial do aluno, nos diferentes aspectos e níveis.

Em atenção aos direitos da pessoa com deficiência, nota-se que tanto a Constituição Brasileira de 1988, quanto a Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (1999) salientam a necessidade de respeito e de garantia de igualdade de acessos a todos os indivíduos. Concordando com essa perspectiva, Fávero (2006), explica que a cidadania é elemento que pode impedir a discriminação. E, em referência a essa questão, salienta a postura, ainda mantida, de se privar a pessoa com deficiência de realizar determinadas atividades, considerando-a inapta, numa tentativa inadequada de protegê-la.

O que se percebe, fundamentalmente é que ainda se mantém tratamento diferenciado para as pessoas com quaisquer tipo de necessidade especial, tanto no contexto escolar, quanto no social. Em se tratando da narrativa, note-se que o modo como a aluna respondeu ao questionamento, apesar de não evidenciar o papel da escola, parece demonstrar que suas experiências pregressas em contextos de aprendizagem foram positivas, o que pode ser explicitado ao afirmar “gosto de estudar”.

No que se refere ao papel da escola como agente transformador de realidades, promotora do desenvolvimento e construtora do saber, Kelman (2010) afirma que o ambiente escolar deve ser um local de trocas de experiências e de desenvolvimento a partir da convivência com a diversidade. Nota-se que, ao cumprir o papel ao qual lhe é previsto efetiva-se a inclusão escolar.

Partindo dessa premissa, observa-se que a inclusão escolar e social das pessoas com necessidades especiais tem se constituído um desafio para a sociedade de modo geral, que tem tentado adaptar-se às diferentes necessidades apresentadas, permitindo a essas pessoas a possibilidade de assumirem diferentes papéis, superando a condição de segregação social impostos pela desvalorização de suas capacidades e potencialidades.

Mudanças como essas têm contribuído para a mudança de atitude daqueles que compõem o cenário educacional e, ao mesmo tempo, tem favorecido uma visão mais positiva da pessoa com necessidade educacional especial no que se refere a si mesma.

Bloco – 2 : Narrativa sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Quem apóia você a continuar estudando?	<i>“Os professores. Família, os professores. Os amigos que não tem briga, a família e a minha mãe.”</i>
O senhor acha que quem apóia a sua filha a continuar estudando? Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?	<i>“Ah, os professor, né?”</i>

Quadro 3 – Registro das narrativas sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna

No que se refere ao bloco acima, os extratos de narrativa resultaram de questionamentos relativos aos aspectos que influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem da aluna, a partir da perspectiva dos participantes, conforme a saber:

“Quem apóia você a continuar estudando?” – pergunta feita para a aluna.

“O senhor acha que quem apóia a sua filha a continuar estudando? Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?” – pergunta feita aos pais.

Os registros elucidam que os professores e a família são os agentes que contribuem para a

permanência da aluna no ambiente escolar e demonstram que, de algum modo eles influenciam no seu desenvolvimento. Segundo o relato da aluna é possível perceber a prevalência e a insistência em confirmar a importância dos professores e da família (principalmente a mãe) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Em seu relato, a aluna também cita os professores e familiares, afirmando que eles devem estar em sintonia, com vistas a acompanharem o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno surdo. Como são agentes importantes na construção dos saberes, sejam eles científicos ou não, os professores e os pais devem ter uma relação dialógica constante, a fim de que possam, juntos, construir um terreno propício para que o aluno possa ter o seu potencial estimulado e as limitações minimizadas.

Bloco 3 - Narrativa sobre as pessoas que influenciam no processo de desenvolvimento e aprendizagem da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?	<i>“Os amigos que não tem briga, a família e a minha mãe.”</i>
O senhor acha que quem é que apóia ela, para continuar estudando?	<i>“Ah, os professor, né?”</i>
E aqui em casa, vocês também apóiam?	Mãe: (balança positivamente a cabeça) Pai: <i>“Aqui apóia.”</i>

Quadro 4 – Registro das narrativas sobre as pessoas que influenciam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da aluna

Os registros do bloco 3 foram fundamentados nos seguintes questionamentos:

“Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem” – pergunta feita para a aluna.

“O senhor acha que quem é que apóia ela, para continuar estudando?” e “E aqui em casa, vocês também apóiam?” – perguntas feitas aos pais.

Para referir-se à importância do trabalho conjunto realizado pela escola e a família, Kelman (2010) afirma que estes são os principais contextos de desenvolvimento do indivíduo,

tenha ele necessidades educacionais especiais ou não. A esse respeito salienta que o processo de aprendizagem é contextualizado nas práticas sociais e que especialmente nestas instituições o indivíduo é envolvido emocionalmente nas suas relações e que por isso têm os seus significados e valores construídos.

O que se percebe é que esse trabalho em rede tende a favorecer o desenvolvimento de metodologias e práticas no contexto familiar e escolar de forma conjunta e articulada com vistas a alcançar uma formação integral do indivíduo, capacitando-o para desenvolver suas competências e habilidades por meio da troca de experiências com os atores dessas instituições.

Neste sentido, tanto a escola, quanto a família cumprem importantes papéis no processo de desenvolvimento e aprendizagem de um indivíduo com necessidades educacionais especiais. Em se tratando da família vale ressaltar a sua importância como primeira instituição onde o indivíduo irá iniciar a construção da sua identidade como pessoa humana a partir das relações proximais que se formam com seus integrantes. No que se refere à escola é uma ambiente onde as trocas de experiências, as interações e as construções coletivas do conhecimento ocorrem de forma sistematizada e para tal, deve ser um ambiente propício para a convivência com a diversidade.

Neste último contexto, o professor tem a oportunidade de agir como facilitador e mediador no processo de aprendizagem, uma vez que deve propor atividades diversificadas e criativas que alcancem e atendam as diversas demandas do seu ambiente educacional. Nota-se que ele cumpre um papel fundamental na implementação da inclusão escolar de um aluno com necessidades educacionais especiais à medida que valoriza a diversidade e a riqueza que existe no diálogo das diferenças.

Kelman (2010) afirma que a capacitação profissional e as metodologias diversificadas utilizadas nas suas aulas são fundamentais para propiciar um ambiente de troca de experiências e construção de conhecimentos a partir de um contexto no qual se valoriza a diversidade.

Bloco – 4: Narrativa sobre a inclusão escolar da aluna surda

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
Você sabe alguma coisa sobre a inclusão escolar? Você se sente incluída nesta escola?	<i>“É bom e tem uma troca, é bom porque brinca, as LIBRAS ajuda muito os alunos, as meninas e os meninos a estudar. Que faz amizade com os alunos.”</i> <i>“Sim”</i>
E o senhor sabe alguma coisa sobre a inclusão de alunos especiais na escola regular? O senhor acha que a sua filha está incluída na escola que ela estuda?	<i>“Não sei não.”</i> <i>“Tá porque eu matriculei ela lá, né?”</i>

Quadro – 5 Relato sobre a inclusão escolar da aluna

Os registros feitos no bloco 4 foram baseados nos questionamentos abaixo relacionados:

“Você sabe alguma coisa sobre a inclusão escolar? Você se sente incluída nesta escola?”
– pergunta feita para a aluna.

“E o senhor sabe alguma coisa sobre a inclusão de alunos especiais na escola regular? O senhor acha que a sua filha está incluída na escola que ela estuda?” – pergunta feita aos pais.

Os extratos das narrativas extraídas da entrevista com a aluna demonstram que na sua concepção o ambiente escolar é um lugar de troca de experiências e que através do convívio formam-se laços de amizade entre os seus pares. Nota-se que a LIBRAS é apresentada como um instrumento de mediação da comunicação entre os alunos, possibilitando o relacionamento e a interação entre eles.

Em se tratando dos extratos da narrativa com os pais, verifica-se que eles pouco falaram. Talvez seja possível afirmar que os pais desconhecem o significado e os princípios do processo de inclusão escolar, tendo em vista que a resposta dada não corresponde ao questionamento feito. Sabe-se que a inclusão escolar é o novo paradigma educacional no que tange ao processo de promoção da convivência e da interação entre os agentes educacionais com vistas à socialização e o respeito à diversidade. Tornar efetiva essa proposta depende, dentre outros aspectos, de que a família participe do processo de aprendizagem do seu filho, dialogando com a escola sobre as estratégias e práticas que desenvolvam as potencialidades neste indivíduo, Kelman (2010).

Destaca-se o desconhecimento sobre o processo da inclusão escolar tanto na fala dos pais, que afirmam abertamente não saberem do que se trata, mas também na narrativa da aluna, que afirma que na inclusão há troca, há brincadeira, fazem-se amizades, porém estes aspectos são vivenciados em uma sala de aula exclusiva para alunos surdos. Verifica-se que o papel social da escola, enquanto espaço de aprendizagem e de desenvolvimento é visto de forma superficial.

Um dos aspectos citados por muitos autores que defendem o processo de inclusão está no fato de que os alunos precisam estar implicados na convivência com a diversidade existente entre alunos surdos e os ouvintes. Conhecer a proposta defendida e aquilo que se deseja alcançar parece fundamental para que a inclusão saia do campo teórico e se torne uma prática efetiva no ambiente escolar.

A partir do exposto destaca-se que o processo de inclusão do aluno surdo deve ser acompanhado por um processo de reflexão que o situe no contexto como alguém que é capaz de contribuir para o processo de aprendizagem se formando integralmente e colaborando com a formação de seus pares a partir da interação com o meio em que está inserido.

Alguns autores afirmam que esse objetivo pode ser mais facilmente alcançado se a inclusão não se basear apenas em um processo de matrícula, mas de análise, que leve em consideração a pessoa que está sendo acolhida pela escola, e não apenas um aluno. Para tanto o ambiente escolar deve propiciar a troca de experiências e a convivência entre os alunos com necessidades educacionais e especiais e os que não necessitam de tal atendimento especializado.

Favorecer a aprendizagem do aluno surdo pressupõe ampliar as possibilidades de superação de seus limites visando principalmente à criação de estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem deste aluno por meio da interação com os demais no ambiente escolar.

Partindo daquilo que propõe Vygotsky, o aluno precisa ser visto, antes de tudo, como uma pessoa capaz de se desenvolver e construir-se a partir da interação com o meio. Concordando com este princípio Oliveira afirma que o é o convívio social que irá aumentar as possibilidades da troca dialógica do indivíduo com o meio em que está inserido, levado o mesmo

a se construir como pessoa social. Promover a interação pode ser uma das alternativas. Uma hipótese para a resposta dada pela aluna, e, quem sabe, até por seus pais, pode ser resultado do modo como os alunos surdos são acolhidos pela escola. Durante a observação inicial, observou-se que, apesar de inclusiva, a escola mantém uma sala apenas para esses alunos, os quais totalizam 3.

Segundo Cordova (2009), as salas exclusivas para alunos surdos ferem o direito do indivíduo de desenvolver-se por meio de troca de experiências e construção de significados com os ouvintes, simula um mundo irreal onde todos são iguais. No contexto da escola inclusiva, espera-se que o aluno possa desenvolver-se e aprender através da sua convivência com a diversidade, uma vez que aprendizagem é fruto da natureza social do indivíduo.

A concepção histórico-cultural enfatiza que o desenvolvimento humano e a aprendizagem têm ligação direta com os processos interativos, para tal é possível concluir que falta de convivência social e a conseqüente minimização das trocas de experiências entre os diversos agentes do processo educativo é um grande obstáculo no desenvolvimento do sujeito. Desta forma, as salas exclusivas para alunos surdos funcionam como a criação de um ambiente artificial e que em muito difere do mundo normal em que estão inseridas pessoas surdas e ouvintes (Vygotsky, 1983 apud CORDOVA, 2009).

Outro aspecto relevante do extrato da narrativa da aluna refere-se a valorização da utilização da LIBRAS no ambiente escolar, uma vez que a proposta educacional para um aluno com deficiência auditiva deve priorizar o ensino desta língua (Kelman, 2005). Kelman salienta que não é somente o uso das LIBRAS que garantirá o sucesso na aprendizagem ou no desenvolvimento do aluno surdo, mas, principalmente, que o professor-intérprete empenhe-se no cumprimento do seu papel facilitador da aprendizagem, em uma ambiente de co-docência com o professor regente (Kelman, 2010).

A esse respeito, estudos demonstram que o professor-intérprete tem a condição de mediar o processo dialógico entre os diversos agentes educacionais que não partilham da mesma língua. Ao analisar o papel deste professor no contexto da escola inclusiva, Leite (2005) percebeu que este profissional deve atuar como facilitador da comunicação proporcionando ao aluno surdo a

oportunidade de participar das atividades pedagógicas propostas. A intenção ao realizar este estudo era compreender a importância do professor-intérprete na efetivação da inclusão escolar, uma vez que minimiza o obstáculo comunicativo existente neste ambiente de diversidade. Em outro estudo Kelman (2010) procurando compreender o papel do professor-intérprete, percebeu a importância do trabalho conjunto entre o professor regente e o professor-intérprete, promovendo a co-docência em um ambiente de troca e de valorização da diversidade.

Bloco – 5: Narrativas sobre o papel da família no processo de desenvolvimento da aluna

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que acha sobre o papel da sua família no seu desenvolvimento?	<i>“Mais importante é a minha mãe”</i>
E o senhor, o que acha sobre o papel da família no processo de aprendizagem dela?	Pai: <i>“É incentivar, é incentivar a pessoa a não deixar os estudos parado, né. Não, sei lá, tanta coisa”</i> . Mãe: <i>“é”</i> . Pai: <i>“Meu prazer é ver estudando, não quero mais que isso deles, né”</i> . <i>“É que eu sempre falo pro mais velho, não quero que você trabalhe comigo. O trabalho seu é só estudar”</i> .

Quadro – 6 Relato sobre o papel da família no processo de desenvolvimento da aluna

No que se refere ao bloco 5, os extratos de narrativas resultaram de questionamentos relativos ao papel da família no processo de desenvolvimento da aluna surda, conforme a saber:

“O que acha sobre o papel da sua família no seu desenvolvimento?” – pergunta feita para a aluna.

“E o senhor, o que acha sobre o papel da família no processo de aprendizagem dela?” – pergunta feita aos pais.

Os registros elucidam que a aluna reconhece a família, no papel da sua mãe, como fator importante para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. No que se refere à narrativa dos pais, nota-se que identificam como missão da família a motivação e o incentivo aos estudos, apresentando argumentos que valorizam os estudos e a escola no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos.

Com base no que foi exposto pelos participantes, verifica-se que a família é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento e para a aprendizagem do indivíduo surdo, uma vez que atua motivando-o superar barreiras e a desenvolver suas potencialidades. Em se tratando da influência dos pais no processo de aprendizagem do aluno surdo, Kelman (2010) afirma que este é o primeiro e principal contexto de desenvolvimento do indivíduo. Para a autora este aspecto é relevante, uma vez que a interação que o indivíduo tem no seio de sua família contribuirá para a sua formação integral e que, posteriormente influenciará na interação deste indivíduo com as outras instituições em que será inserido.

Concordando com a autora citada, Buzar (2009) salienta que a família é o primeiro ambiente de construção da personalidade do indivíduo, construção essa que ocorre pela interação com os membros que configuram esta instituição. Deste modo, observa-se que é imprescindível que a família assuma o papel de incentivar e estimular as potencialidades do indivíduo surdo, e que a partir da dinâmica relacional dos membros seja estabelecido um ambiente capaz de criar um clima de auto-confiança propício para que o processo de desenvolvimento e de aprendizagem seja facilitado.

Bloco 6 – Narrativas sobre a inserção da aluna no mercado de trabalho

<u>Questionamento feito aos participantes:</u>	<u>Resposta dos participantes:</u>
O que você pretende fazer após a conclusão do Ensino Médio?	<i>“Trabalhar em computador.”</i> (sinais com bastante entusiasmo)
Que sugestão o senhor daria para os professores para melhorar a aprendizagem da Sarah?	Pai: (cochichando) <i>“eu não sei. Um curso de digitação, coisa assim, né. Quando tava em Sobradinho ela tava estudando lá, tinha um curso dela lá de...”</i> Mãe: <i>“computador”</i> Pai: <i>“digitação é na Microlins, né. Lá na 10, lá. E tem o empresarial.”</i>

Quadro 7 – Relato sobre a inserção da aluna no mercado de trabalho

Os registros feitos no bloco 6 foram baseados nos questionamentos sobre as expectativas da família e da aluna quanto ao futuro a saber:

“O que você pretende fazer após a conclusão do Ensino Médio?” – pergunta feita para a aluna.

“Que sugestão o senhor daria para os professores para melhorar a aprendizagem da Sarah?” – pergunta feita aos pais.

Outro aspecto salientado pelo pai da aluna durante a entrevista refere-se à inclusão no mercado de trabalho. A esse respeito, Kelman (2010) afirma que incluir o deficiente auditivo nesse contexto de trabalho propicia o surgimento de sentimentos como a autoconfiança e a autonomia, fatores relevantes para que o indivíduo apodere-se do seu papel social e sinta-se protagonista da sua história de desenvolvimento. A autora salienta que para a capacitação de profissionais com deficiência é preciso investimentos em programas de educação profissional à nível de formação inicial ou continuada.

Nessa mesma perspectiva, Martins (2010) descreve em seu estudo casos onde a família não dá crédito à capacidade do indivíduo surdo de desenvolver-se de forma autônoma e alcançar um lugar no mercado de trabalho e na sociedade. Ao contrário dos resultados apresentados por esta autora, o presente estudo parece demonstrar que a família da aluna surda acredita no seu desenvolvimento acadêmico e a surdez não é limitadora das capacidades de sua filha para uma vida autônoma, sendo este um dos aspectos que sobressai nas entrevistas e nos extratos das narrativas do bloco 6.

Ter perspectiva quanto ao seu ingresso no mercado de trabalho e confiar no seu potencial para desenvolver as habilidades e competências necessários para este fim são alguns dos aspectos igualmente referenciados na entrevista com a aluna. Com certeza a presença deste sentimento de busca por participação na sociedade remonta a uma das principais funções do processo de aprendizagem desenvolvido pela escola, que é a de promover no educando um espírito de busca por uma carreira profissional promissora, como resultado do seu sucesso acadêmico.

No que tange a educação de indivíduos surdos Martins (2010) reflete que independentemente de existir um lugar ou posição social previamente estabelecida para a pessoa com deficiência, cada um tem a capacidade de criar o seu espaço no meio social e ser reconhecido dentro dele por aspectos positivos da sua interação neste contexto. Esta autora retomando a teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano ressalta que na formação do

sujeito há exigências biológicas e exigências sociais, sendo que a vida do indivíduo pode ser marcada por uma predominância de um aspecto sobre o outro. Quando predominam as exigências biológicas no caso do indivíduo surdo suas capacidades serão limitadas pela deficiência que apresenta, mas caso haja maior relevância das exigências sociais serão enfatizadas as habilidades e as competências do indivíduo para ocupar o seu espaço na sociedade, atendendo as necessidades da coletividade e resultando no seu desenvolvimento integral.

Desse modo, o posicionamento entusiasmado de Sarah ao expor as suas perspectivas no campo profissional demonstra que as características da autonomia e da confiança em seu potencial produtivo estão sendo desenvolvidas com sucesso, configurando-se como competências e habilidades pessoais importantes para a superação de obstáculos impostos pela sua deficiência.

De um modo geral, verifica-se que, tanto para os pais, quanto para a aluna a surdez não é um fator limitante para o seu desenvolvimento e sua participação ativa e autônoma na sociedade, pelo contrário, os relatos parecem demonstrar a confiança que os pais apresentam na capacidade da filha de ocupar o seu espaço no meio social e no mercado de trabalho, além de evidenciar a preocupação dos mesmos com a formação acadêmica e profissionalizante da filha na busca de instrumentalizá-la para o exercício da atividade laborativa. Tal preocupação dos pais é apontada como uma lacuna no papel da escola, uma vez que na concepção dos mesmos a escola também deveria estar empenhada na formação profissional de sua filha.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou refletir sobre a contribuição da família no desenvolvimento de um aluno surdo, em uma escola da rede pública do Distrito Federal e analisar o significado do processo de inclusão escolar para a família de um deficiente auditivo.

Para efetivar o que foi proposto, realizou-se entrevistas semi-estruturadas, constando de duas sessões, nas quais foram feitos questionamentos sobre o processo de inclusão escolar, sendo possível, ao mesmo tempo, investigar a representação da escola na vida do aluno surdo para a família. O principal objeto de análise deste estudo foram as narrativas extraídas das entrevistas, as quais evidenciaram, de modo claro, os significados relativos às temáticas aqui trabalhadas (inclusão e surdez), para os participantes da pesquisa.

A partir da narrativa da aluna, notou-se que a inclusão escolar é vista apenas como a possibilidade de frequentar o mesmo espaço físico de um aluno ouvinte. Em se tratando da narrativa dos pais, observou-se que o tema inclusão entendido como um processo que garante a efetivação da matrícula da filha em uma escola regular de ensino.

Ao referirem-se ao papel da família, os participantes utilizaram expressões semelhantes, definindo-o como sendo fundamentalmente o de motivar e incentivar o desenvolvimento e a aprendizagem da filha surda, confiando em suas capacidades e potencialidades para interagir com o meio social.

Considera-se que uma das limitações deste estudo tenha sido o curto período no qual ele foi realizado. No entanto, acredita-se que os procedimentos adotados tenham favorecido a compreensão do processo de inclusão escolar pelos participantes, especialmente em razão da relação dialógica estabelecida no contexto das entrevistas. Considerando esse aspecto, aponta-se aqui a necessidade de novos estudos que se dediquem a focalizar outras especificidades deste objeto de estudo .

A partir das questões aqui discutidas, acredita-se que este estudo possa fomentar o desenvolvimento de práticas educativas e sociais que gerem primeiramente a conscientização da comunidade escolar acerca da necessidade de concretização dos ideais da inclusão escolar. Sendo assim, também sugere-se que sejam incentivado diálogos entre especialistas e educadores, a fim de se ampliar as discussões acerca dos aspectos intrínsecos a essa problemática, de modo que a leitura sobre a inclusão aconteça de maneira mais crítica e continuada. Desse modo, a comunidade escolar se sentirá cada vez melhor preparada para lidar com as surpresas e desafios proporcionados por esse movimento.

REFERÊNCIAS

BUZAR, E. A.S. **A singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais.** Dissertação da Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial e Deficiência Auditiva.** Vol. I. Brasília: SEESP, 1997

_____.Ministério da Educação. (2004 BRASIL. **Secretaria de Educação Especial Deficiência auditiva.** Organizado por Giuseppe Rinaldi et AL. Brasília: SEESP, 1997, v. I (série Atualidades Pedagógicas)

_____. (2002). Presidência da República. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.**

_____. (2005) Presidência da República. **Decreto n° 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** **Ensino da Língua Portuguesa para Surdos.** Caminhos para a Prática Pedagógica, vol. 1. Brasília: MEC, SEESP.

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial.** Secretaria de Educação Especial (SEESP), 1995.

CESAREO, G. Pensamento e linguagem. In: Congresso Surdez e Universo Educacional, organização INES, Divisão de Estudos e pesquisas, Rio de Janeiro, RJ, 2005. p. 29 – 33.

CORDOVA. B.C. **Concepções de Intérpretes de Língua de Sinais acerca de sua atuação em contextos educacionais.** Dissertação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2009.

DE PAULA, S. L. **Ouvindo os sinais. Desenvolvimento e Interação de crianças surdas inseridas na escola regular e na escola especial.** Dissertação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2003.

DORIA, Ana R. de F. **Manual de Educação da Criança Surda.** Instituto Nacional de Educação de Surdos, do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro,1961. P. 33 – 63.

FALCÃO, L. A. **Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão.** . Recife: 2ª Ed. Revisada e ampliada. Ed. Do Autor, 2007.

FALCÃO, L. A. **Surdez, cognição visual e libras – estabelecendo novos diálogos.**
Recife: Ed. Do Autor, 2010.

FÁVERO, E.A.G. Direito à igualdade e à diversidade: condições de cidadania. Em: MEC/SEESP. **Ensaios pedagógicos. Educação inclusiva: Direito à diversidade.** Brasília: MEC/SEESP, 2006, p. 61-66.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez.** Porto Alegre: Artmed, 2003. P. 35.

FREITAS, O.C.R. de. **Efeitos de pistas contextuais em língua de sinais sobre recordação livre e compreensão de texto narrativo.** Dissertação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2009.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KELMAN, C.A et al. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.** Coordenação Diva Albuquerque Maciel e Silviane Barbato. Brasília: Editora UnB, 2010.

LEITE, M. C. Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva. Petrópolis: Arara Azul, 2005. Disponível em: <http://www.editora-arar-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2011.

LIMA, E. S. **Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do (a) intérprete de libras na educação superior.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: UnB, 2006.

MAHEIRIE, Kátia. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade.** São Paulo, 2002. Disponível em: http://scielo.bvspsi.org.br/scielo.php?pid=S141329072002000100003&script=sci_arttext, Acesso em: 15 dez.2010.

MARINHO, M. L. **O ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: UnB, 2007.

MARTINS, L. M. B. **A significação no desenvolvimento de surdos adultos em processo de aquisição da primeira língua.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Brasília: UnB, 2010.

MOREIRA, M. A. **Teorias da Aprendizagem.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (EPU) Ltda, 1999.

OLIVEIRA, S. F de. **Letramento de alunos surdos em classe bilíngüe: Possibilidades e desafios.** Dissertação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, P. et al. **Surdez infantil.** Rev. Bras. Otorrinolaringologia (online). 2002, vol 68, n. 3, p. 417 – 423. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003472992002000300019&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 fev. 2011.

POZO, J. I. **Teorias cognitivas da aprendizagem.** 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P. 191-209.

QUADROS, R. M. Alternativas de formação profissionais no campo da surdez. In: **Congresso Surdez e Universo Educacional**, organização INES, Divisão de Estudos e pesquisas, Rio de Janeiro, RJ, 2005.p. 44 – 48.

UNESCO (1999). **Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência** – Guatemala. Disponível em: <<http://www.institutointegrar.org.br/arquivos/convencao%20interamericana.doc>>. Acesso em: 19 mar.2011.

VESCHI, J. L. Família e linguagem. In: **Congresso Surdez e Universo Educacional**, organização INES, Divisão de Estudos e pesquisas, Rio de Janeiro, RJ, 2005. P. 49 – 51.

VYGOTSKY, L.S. **Fundamentos de Defectologia.** Obras Escogidas Tomo V. Madrid: Visor, 1983.

VYGOTSKY,L.S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY,L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 87 – 124.

APÊNDICE 1

Entrevista realizada com a aluna surda

- 01) Qual o seu nome?
- 02) Qual a série que está cursando este ano?
- 03) Quantos anos você tem?
- 04) Está estudando desde quando?
- 05) O que faz com que você se sinta motivada para vencer os limites impostos pela surdez?
- 06) Que recursos são utilizados em sala de aula para ajudar no seu processo de aprendizagem?
- 07) Que estratégias você utiliza em casa para realizar as atividades?
- 08) O que você pensa sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em uma escola regular?
- 09) Você se considera incluída nesta escola?
- 10) Como você avalia a atuação dos professores no seu desenvolvimento até agora?
- 11) Que aspectos você identifica que precisam ser melhorados no seu processo de aprendizagem?
- 12) Quais as suas expectativas em relação aos estudos?
O que você pretende fazer após concluir o ensino médio?
Pretende ingressar no mercado de trabalho? Se sim, em que área?
- 13) Na sua opinião, quais são os fatores (ou agentes) que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?
- 14) Qual o papel da sua família no seu processo de aprendizagem?
- 15) Quem são as pessoas que mais contribuem para a sua formação acadêmica?
- 16) Que sugestões você daria aos seus professores para facilitar o seu processo de aprendizagem?

APÊNDICE 2

Entrevista realizada com a família da aluna surda

- 01) Qual o seu nome?
- 02) Qual o seu estado civil?
- 03) Quantos filhos têm? Eles moram como o senhor?
- 04) Tem outros filhos com necessidades especiais? Eles estudam?
- 05) O que provocou a surdez na Aline?
- 06) O senhor frequentou a escola? Até que série?
- 07) O que o senhor sabe sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas de ensino regular?
- 08) O senhor acha que a sua filha se sente incluída nesta escola? Por quê?
- 09) Na sua opinião, existe algum aspecto que pode ser melhorado para que a inclusão seja efetivada(ou aconteça)?
- 10) O que o senhor acredita que a motive a continuar estudando?
- 11) Como o senhor descreve a trajetória acadêmica (a vida escolar) da sua filha até agora?
- 12) Quais fatores (ou pessoas) que o senhor considera importantes para que a sua filha alcance sucesso nos estudos?
- 13) Qual o papel da família no processo de aprendizagem do aluno?
- 14) O senhor acompanha o processo de ensino-aprendizagem de sua filha? De que forma?
- 15) Que expectativas o senhor tem em relação à vida acadêmica de sua filha?
- 16) Que expectativas têm em relação à vida profissional de sua filha?
- 17) Que sugestões o senhor daria aos professores para melhorar o processo de aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva?
- 18) Que sugestões daria para as famílias para favorecer a aprendizagem dos filhos com necessidades educacionais especiais?
- 19) Gostaria de deixar alguma mensagem para os alunos com deficiência auditiva que ainda estão fora da escola?

APÊNDICE 3

Registro da observação realizada e da conversa informal com os professores

A sala de aula apresenta poucos recursos didáticos, dentre estes estão: o pincel, o quadro-branco, uma televisão e um aparelho de DVD. Com certeza para melhorar a qualidade das aulas deveriam ser utilizados mais recursos e instrumentos que despertem no aluno surdo o processo compensatório para as funções sensoriais intactas e ainda que viabilizem o desenvolvimento de uma comunicação multimodal.

Como as classes não são inclusivas o papel do professor-intérprete fica esvaziada, uma vez que o papel adotado no ambiente da sala exclusiva é o de professor regente dos conteúdos curriculares, mesmo não sendo o componente curricular de sua formação acadêmica.

Um aspecto que deve ser apresentado é que os professores Soares, Silva e Santos que desenvolvem seus trabalhos pedagógicos com estes alunos surdos não são devidamente credenciados como intérpretes-educacionais, eles argumentam que não conhecem os procedimentos legais para obterem esse título e que a prova de proficiência em Libras aplicada pelo Ministério da Educação é muito difícil.

Durante os momentos de observação não houve interação entre aluno-aluno, somente a relação aluno-professor e professor-aluno foi vivenciada. Muito semelhante à apresentação compartimentalizada das disciplinas que é a realidade das classes regulares de alunos ouvintes, foi possível também identificar a maneira predominantemente expositiva, na qual os conteúdos são apresentados.

As observações realizadas enfocaram o comportamento de Sarah, que interagiu com o professor Soares a respeito dos adjetivos, conteúdo de Língua Portuguesa, utilizando os sinais da LIBRAS, comum a ambos.

A professora Silva que estava ministrando explicações sobre História do Brasil sentiu-se a vontade para expressar suas concepções acerca da falta interesse da equipe gestora da escola

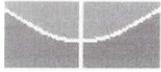
com os alunos surdos, salientou a sua preocupações com a falta de recursos didáticos que possibilitariam o planejamento e a execução de atividades mais atrativas para estes alunos.

Neste desabafo Silva salientou que Sarah destaca-se em sala de aula porque consegue “pegar” mais rápido o conteúdo e que isso acontece porque ela tem o apoio da família, enquanto os demais alunos, são mais velhos e têm que se ‘virar’ sozinhos, não há apoio de ninguém. O apoio emocional (incentivo) é dado somente pelos professores que trabalham com eles.

Diz a professora Silva que mesmo com todo esforço do grupo de professores, o apoio e o incentivo são insuficientes para romper as barreiras que eles enfrentam para chegar até a escola, e muitas vezes eles desistem, evadindo-se do ambiente escolar. Por tratar-se da EJA, no turno noturno, muitos alunos evadem da escola por encontrarem dificuldades com transporte ou a falta de segurança que permeia o trajeto escola-casa ou vice-versa, além dos outros obstáculos relacionados à deficiência auditiva.

ANEXO 1

Carta de apresentação do Programa à escola



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

Escola Centro de Ensino Fundamental 04 de Planaltina - DF

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF, além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre temas acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Rita Mara Reis Costa sob orientação Fernanda Rodrigues da Silva, cujo tema é: Contribuição da família no desenvolvimento e inclusão de uma aluna com Deficiência Auditiva, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) 3308-3083 ou por meio dos e-mails ritamara2007@gmail.com.

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Recebido
29.11.2010



CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 10
Portaria 129 de 18/07/2000
Planaltina-DF

ANEXO 2

Memorando de autorização para a realização da pesquisa



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação



Memorando Nº 495/2010 – EAPE

Brasília, 9 de novembro de 2010.

PARA: DRE Planaltina.

ASSUNTO: Pesquisa

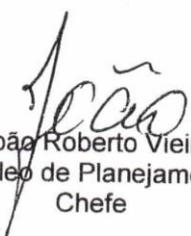
Senhor(a) Diretor(a),

Autorizamos o(a) Senhor(a) Rita Maria Reis

Costa, aluno(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento, Educação e Inclusão Escolar, realizado pela Universidade de Brasília/Instituto de Psicologia, em parceria com o Ministério da Educação/Universidade Aberta do Brasil, a realizar pesquisa com professores/alunos pertencentes as instituições educacionais dessa regional.

Esclarecemos que os pós-graduandos devem estar munidos da carta de apresentação do programa, e devem aplicar os Termos de Consentimento Livre aos participantes em cada projeto, de acordo com o que exige o Comitê de Ética.

Atenciosamente,


João Roberto Vieira
Núcleo de Planejamento
Chefe



ANEXO 3

Modelo do Termo de Consentimento livre e esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia da UnB, por meio da Universidade Aberta do Brasil / Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre o processo inclusivo de uma aluna com Deficiência Auditiva em uma instituição de ensino de Planaltina- DF, na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores que atuam neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa uma entrevista gravada em áudio com a tradução (LIBRAS - PORTUGUÊS) pelo professor regente da aluna e fotos da sala de aula e de situações relacionadas à inclusão da mesma. Para isso, solicito sua autorização para sua própria participação no estudo que realizaremos.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isto não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 3308-3083 ou no endereço eletrônico ritamara2007@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
 Escolar/ UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____ neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

ANEXO 4

Entrevista completa com a aluna

Entrevista com a aluna com necessidades educacionais especiais (Sarah)

Entrevistadora: Qual o seu nome?

Professor: Seu nome? (utilizando LIBRAS)

Sarah: S – A – R – A – H

Entrevistadora: Qual a série que você está cursando este ano Sarah?

Professor: Série?

Sarah: Sexta.

Entrevistadora: Sexta série.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Professor: Qual a sua idade?

Sarah: 18 anos.

Entrevistadora: Você está estudando desde quando?

Professor: Você estuda desde que ano?

Sarah: Ano passado aqui.

Professor: Ela falou onde estudava. Ela estudava em Sobradinho. Você quer saber quanto tempo ela tem de estudo?

Entrevistadora: Isso.

Professor: Quantos anos você estuda escola?

Sarah: Aqui um ano. Em Sobradinho sete anos.

Entrevistadora: Ah, tá ótimo.

Entrevistadora: O que faz com que você se sinta motivada para continuar estudando? Querendo sempre estudar, vindo para escola sempre?

Professor: O que faz você querer estudar sempre, o que ajuda, o que deixa você alegre em estudar?

Sarah: Vontade de estudar.

Professor: O que mais?

Sarah: Gosto de estudar.

Professor: Mais alguma coisa? O que ajuda?

Sarah: Os professores.

Professor: O que mais? Coisas que ajuda você?

Sarah: Família, os professores.

Professor: E a escola é boa? Faz você estudar mais?

Sarah: (confirma, balançando a cabeça).

Professor: A escola também.

Entrevistadora: Em casa, como é que você faz as atividades de casa? Você tem a ajuda de alguém?

Professor: Em casa quando você estuda as pessoas te ajudam?

Professor: Todo dia quando você vai para casa tem pessoa que te ajuda a fazer as coisas daqui da escola, a fazer dever? Quem?

Sarah: Minha mãe.

Professor: Tem mais alguma pessoa que ajuda você em casa a estudar? Por exemplo, ter dever, fazer, aí a pessoa te ajuda, ó tá errado, ó tá certo. Tem? Em casa tem? Quem?

Sarah: Só minha mãe.

Entrevistadora: Na sala de aula tem algum recurso/material que é utilizado para te auxiliar a entender melhor o conteúdo?

Professor: Em sala tem coisas que ajuda você a aprender mais? Por exemplo...

Sarah: Quadro.

Professor: Na escola, aqui tem coisas que ajuda você a aprender?

Sarah: Português.

Professor: Mas as coisas por exemplo. Coisas que pode pegar que ajuda você? Por exemplo, coisas que se pega para entender melhor. Televisão tem na sala?

Sarah: (confirma com a cabeça)

Professor: Ajuda você?

Sarah: Sim. TV.

Professor: Ajuda muito ou pouco?

Sarah: Pouco, mas bom.

Professor: Tem mais coisas?

Professor: Professor lá na sala ele tem coisas que ajuda aula? O quê?

Sarah: É mais aula expositiva.

Entrevistadora: Ela gosta das aulas que tem vídeo ou alguma coisa para ela manipular e ver?

Professor: Você gosta quando professor leva revista, jornal. Você gosta?

Sarah: Sim eu gosto.

Entrevistadora: E o que você pensa sobre a inclusão? Ou seja, alunos que tenham alguma deficiência estarem dentro de uma escola regular?

Professor: Você imagina uma pessoa surda dentro da escola regular na sala todo dia.

Sarah: É bom e tem uma troca, é bom porque brinca, as LIBRAS ajuda muito os alunos, as meninas e os meninos a estudar.

Professor: O que mais? O que mais?

Sarah: Que faz amizade com os alunos.

Entrevistadora: Então existe uma troca entre os alunos.

Entrevistadora: Você se considera incluída aqui, nesta escola que você está?

Professor: Você imagina que você está dentro da escola, na sala?

Sarah: Sim.

Entrevistadora: Sim. E como é que ela avalia a atuação dos professores no seu desenvolvimento até agora?

Professor: Como você vê e pensa sobre os professores?

Sarah: Os professores são bons.

Entrevistadora: E que aspectos/coisas assim, que você identifica que precisam ser melhorados na escola para melhorar o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem?

Professor: Tem coisas aqui na escola que você pensa que pode bom porque hoje já está bom ou pode ficar bom? O quê?

Professor: Repete (em direção a Sarah).

Sarah: Vir para a escola a noite é bom. Ela gostou de mudar da tarde, foi bom. Estudar a tarde é ruim.

Entrevistadora: Você estudava a tarde aqui na escola?

Sarah: Não. A tarde em Sobradinho.

Entrevistadora: A noite você acha melhor. Por que você acha melhor?

Professor: Por que é melhor?

Sarah: Conhece a cidade, conhece as pessoas, faz amizades.

Entrevistadora: O que você pretende fazer após a conclusão do Ensino Médio?

Professor: O que você quer depois, lá, depois lá do terceiro ano, o que você quer fazer depois, depois? Acabou, e aí, o que você quer fazer?

Sarah: Trabalhar em computador. (sinais com bastante entusiasmo)

Entrevistadora: Você quer trabalhar no computador. Como secretária, por exemplo?

Professor: Qual o sinal de secretária? Eu não sei. (risos)

Professor: Ela perguntou se você quer ser S-E-C-R-E-T-A-R-I-A?

Entrevistadora: É esta área de secretariado? Na sua opinião, quais são os fatores ou pessoas que contribuem para o seu crescimento e aprendizagem?

Professor: Quais pessoas que ajuda você estudar, a crescer, como ficar mais pensar e que ajuda você escola todo dia?

Sarah: Os amigos que não tem briga, a família e a minha mãe.

Entrevistadora: Sobre o papel da família. Você acha que é realmente importante a contribuição que a sua família/mãe dá para os seus estudos?

Professor: O que você pensa família? Muito importante? Principalmente a sua mãe é muito importante para você todo dia?

Sarah: Mais importante é a minha mãe.

Entrevistadora: E que sugestões você daria aos seus professores para facilitar o seu processo de aprendizagem?

Professor: O que você fala professor que ajuda você entender mais e melhor?

Sarah: Não tem nada não.

Entrevistadora: Ela teria alguma mensagem para dar a algum aluno que tem necessidade especial e que ainda estão fora da escola?

Professor: O que você falaria para as pessoas surdas que estão fora da escola?

Sarah: Falaria para elas virem estudar na escola.

Entrevistadora: Por que é bom?

Professor: Por quê?

Sarah: Porque os professores usam LIBRAS, faz amizades, um ajuda o outro, há uma troca e coisas muito boas o tempo todo.

ANEXO 5

Entrevista completa com os pais da aluna surda

Entrevistadora: Qual é o nome do senhor?

Pai: Paulo dos Santos *

Entrevistadora: E o nome da senhora?

Mãe: Laura Costa *

Entrevistadora: Vocês são casados?

Pai: Casados não, mas mora junto.

Entrevistadora: Mas mora junto a muito tempo?

Pai: Há 20 anos.

Entrevistadora: Vixe, já é casado. Quantos filhos os senhores têm?

Pai: Quatro.

Entrevistadora: Eles moram aqui com o senhor?

Pai: (acena positivamente com a cabeça)

Entrevistadora: Tudo aqui.

Pai: (confirma balançando a cabeça)

Entrevistadora: Tem outros filhos com necessidade especial?

Mãe: Não.

Pai: Só ela.

Entrevistadora: E só tem ela de moça?

Mãe: Sim, só ela. Isso.

Entrevistadora: Os outros são rapazes. Interessante.

Entrevistadora: Os outros estudam também?

Mãe: (balança a cabeça positivamente)

Pai: Estuda (confirma fortemente)

Entrevistadora: O senhor sabe já o que provocou a surdez da Sarah?

Mãe: Não.

Pai: Até hoje ninguém sabe.

Entrevistadora: Foram no médico?

Pai: Foi.

Entrevistadora: Não tiveram resposta?

Pai: Quando analisou ela, disse que ela tava com a língua colada. Realmente era colada mesmo, tinha até os pontinhos. Aí fez cirurgia.

Pai e Mãe: Mas não resolveu.

Entrevistadora: O senhor freqüentou a escola?

Pai: Frequentei até a quarta série.

Entrevistadora: E a senhora?

Mãe: Não.

Entrevistadora: A senhora não freqüentou a escola. Certo.

Pai: Parei em 83.

Entrevistadora: Ah, é?

Entrevistadora: E o senhor sabe alguma coisa sobre a inclusão de alunos especiais na escola regular? O senhor sabe alguma coisa?

Pai: Não sei não.

Mãe: (balança a cabeça negativamente)

Entrevistadora: Também não a senhora?

Mãe: (confirma com gesto positivo)

Entrevistadora: A inclusão é justamente colocar alunos especiais em uma escola de alunos que não têm nenhuma necessidade especial.

Pai: Ah! Eu sei já.

Entrevistadora: O senhor acha que a sua filha está incluída na escola que ela estuda?

Pai: Tá porque eu matriculei ela lá, né?

Entrevistadora: Ah, é?

Entrevistadora: E ela se sente bem indo para a escola?

Pai: Ela sente. Ela acha bom demais.

Mãe: (acena positivamente com a cabeça)

Entrevistadora: Ai, que bom!

Entrevistadora: Na sua opinião existe algum aspecto que pode ser melhorado na escola que ela estuda? Tem alguma coisa a melhorar, que ela reclama pro senhor e pra senhora? Alguma coisa?

Mãe: Até hoje não.

Pai: (acena negativamente com a cabeça)

Entrevistadora: Não, tá indo tudo bem?

Pai: Por enquanto tá, né?

Entrevistadora: Ai, que bom!

Pai, Mãe e Entrevistadora: (risos)

Entrevistadora: O que o senhor acredita que motiva ela a continuar estudando?

Pai e Mãe: (expressão facial indicando que não entenderam a pergunta)

Entrevistadora: Vocês têm alguma idéia sobre o porquê que ela vai para escola?

Pai: Pra crescer, né? O que eu vejo é que ela quer crescer.

Mãe: É mesmo.

Entrevistadora: E como é que o senhor descreve a vida escolar da sua filha até agora?

Não é a primeira vez que ela estuda, é?

Pai e Mãe: Não.

Pai: Tem 7 anos.

Entrevistadora: Já tem 7 anos?

Pai: Desde os 7 anos.

Entrevistadora: Ah, desde os 7 anos que ela estuda, ai, que bom gente. Gente, que legal.

Entrevistadora: E ela sempre se comunicou em LIBRAS na escola?

Mãe: (balança a cabeça positivamente)

Pai: Sempre se comunicava.

Entrevistadora: E o senhor fala LIBRAS?

Pai: Não (risos)

Mãe: Eu não. (risos)

Pai: Os meninos falam.

Mãe: Eles entendem bastante.

Entrevistadora: Ai, que bom. E o senhor sabe me dizer quais são as pessoas que o senhor considera importante para que sua filha continue estudando?

Pai e Mãe: (expressão facial indicando que não entenderam a pergunta)

Entrevistadora: O senhor acha que quem é que apóia ela, para continuar estudando?

Pai: Ah, os professor, né?

Entrevistadora: Os professores. E aqui em casa, vocês também apóiam?

Mãe: (balança positivamente a cabeça)

Pai: Aqui apóia.

Entrevistadora: Ah, que bom. E até pagam van para ela chegar na escola a noite.

Pai: Duas van. Uma para ela e outra pro menino.

Entrevistadora: É imagino. E o senhor o que acha sobre o papel da família no processo de aprendizagem dela?

Pai: É incentivar, é incentivar a pessoa a não deixar os estudos parado, né. Não, sei lá, tanta coisa.

Mãe: É.

Pai: Meu prazer é ver estudando, não quero mais que isso deles, né.

Entrevistadora: É verdade.

Pai: É que eu sempre falo pro mais velho, não quero que você trabalhe comigo. O trabalho seu é só estudar.

Mãe: O estudo mesmo.

Entrevistadora: O senhor e a senhora acompanha o processo dela na escola?

Pai: Acompanha.

Mãe: (confirma com a cabeça)

Entrevistadora: De vez enquanto vocês visitam a escola?

Pai: Visita.

Mãe: Vistita.

Entrevistadora: Conversa com os professores?

Pai e Mãe: Conversa.

Entrevistadora: A senhora até já sabia quem eram os professores dela, né?

Pai: Uma vez teve uma confusão lá, eu fiquei doidinho tive que ir lá.

Entrevistadora: Ah é, imagino.

Entrevistadora: E o que o senhor espera da vida escolar dela? Que ela chegue até, existe uma série que ela deve alcançar?

Pai: Eu queria até o finalzinho, na faculdade.

Mãe: É, sim.

Entrevistadora: É, né. E em relação a vida profissional dela, o senhor espera alguma coisa, a senhora espera alguma coisa?

Pai: (pensativo). Eu espero tudo de bom (emocionado).

Mãe: Tudo de bom né, nada de ruim. Quero tudo de bom pra ela.

Entrevistadora: Que sugestão o senhor daria para os professores para melhorar a aprendizagem da Sarah?

Pai: (cochichando) eu não sei. Um curso de digitação, coisa assim, né. Quando tava em Sobradinho ela tava estudando lá, tinha um curso dela lá de...

Mãe: computador

Pai: digitação é na Microlins, né. Lá na 10, lá. E tem o empresarial.

Entrevistadora: Oh, que bom.

Pai: Digitação empresarial. Aí, mudei pra cá, né. Vou ver se eu consigo na Microlins daqui.

Entrevistadora: Legal, um curso profissionalizante, né?

Pai e Mãe: Profissionalizante.

Entrevistadora: Muito importante.

Entrevistadora: Que sugestão o senhor daria pras famílias, para favorecer a aprendizagem dos filhos que têm necessidade especial? Porque tem família que prefere que o filho não vá para escola.

Pai: Ah não.

Mãe: tem que deixar, né, a criança ir.

Pai: Tem que incentivar a criança, não pode deixar assim não. Só porque ela tem esse problema, deixar a bichinha em casa.

Mãe: Deixa ela sem estudar não dá não.

Entrevistadora: Isso mesmo tem que incentivar, né?

Pai: O governo já ajuda tanto as pessoas né,?

Entrevistadora: O senhor e a senhora gostaria de deixar alguma mensagem para os alunos que ainda estão fora da escola? Agora é para os alunos, a família tem que incentivar, e os alunos que estão fora da escola? O que o senhor falaria para eles?

Pai: (risos) não tem palavra (risos)

Entrevistadora: Já é a última.

Pai: Tem que, sei lá. Avançar mesmo, tem que crescer.

Mãe: Força de vontade.

Pai: Força de vontade e determinidade. É determinidade que se fala, é? (a intenção era falar em determinação)

Entrevistadora: Obrigada gente, foi de grande valia pra gente.